

Eco janeiro e fevereiro de 2010

Ano Jubilar
do 350º aniversário
da morte
dos Fundadores

Sumário

Vida espiritual

- 2 Carta de 1º de janeiro de 2010
A todas as Filhas da Caridade
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
- 5 Conferência de 1º de janeiro de 2010
Casa Mãe
Padre Grégory Gay, Superior geral
- 10 Carta de 2 de fevereiro de 2010
A todas as Filhas da Caridade
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
- 21 Carta de 15 de fevereiro de 2010
A todas as Filhas da Caridade
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
- 23 Quaresma de 2010
A todos os membros da Família Vicentina
Padre Grégory Gay, Superior geral
- 28 A internacionalidade da Companhia
Padre Javier Alvarez, Diretor geral

Desafios Atuais

Hoje, com os Fundadores

- 38 Hoje, com os Fundadores

- 40 **Província de Madagascar**
Projeto de restauração de poços e de implúvios na região semidesértica no Sul de Madagascar
Irmã Madeleine Haovasoa, Filha da Caridade

Atualidades das Províncias

Testemunho das Irmãs

- 48 **Província da Tailândia**
Celebração do 40º aniversário da presença das Filhas da Caridade na Tailândia
Irmã Eloisa Nadres, Filha da Caridade
- 51 **Província da Cracóvia**
Celebração dos 150 anos de existência da Casa Provincial das Filhas da Caridade em Cracóvia
Irmã Anna Brzek, Filha da Caridade
- 53 **Província de Cracóvia**
A cruz entregue pelo comandante de ordem do renascimento da Polônia à Irmã Zofia Izabela Luszczykiewicz
Irmã Anna Brzek, Filha da Caridade
- 56 **Província da Áustria**
Abertura do ano jubilar
A Comunidade de formação
- 58 **Casa Mãe**
Encontro DREAM: “Realizemos um sonho”
Irmã Catherine Mulligan, Filha da Caridade

História da Companhia

Preparação do ano jubilar do 350º aniversário da morte dos Fundadores

- 61 **Santa Luísa de Marillac**
Século XX: História, memória, meditação (continuação)
Irmã Claire Herrmann, Serviço dos Arquivos
- 71 **Direção e formação na Companhia**
Padre Benito Martinez, cm

MÈRE E. FRANC, SUPERIORA GERAL

Carta de 1º de janeiro de 2010

Minhas queridas Irmãs,

Numa carta cheia de afabilidade, datada entre 1636 e 1639, São Vicente concluía assim seus conselhos a Santa Luísa que acabava de fazer um retiro: “*Desejo-lhe um coração cheio do de Nosso Senhor*” (Coste I, 559).

Retomo sua expressão com alegria para apresentar-lhes meus sinceros votos de Santo e Feliz Ano. Recentemente, todas nós vivemos um retiro comunitário de final de ano. Um anseio para 2010 seria que nós tivéssemos um coração *cheio do de Nosso Senhor* e que pratiquemos, com a ajuda de Deus, as resoluções que tomamos, no clima de ação de graças e de reconciliação deste dia de retiro. São Vicente nos diz, com efeito, que elas constituem “*a parte mais importante da oração*” (Coste XI, 87).

Permitam-me, em seguida, agradecer-lhes, os votos que me enviaram; com efeito, depois de várias semanas, estou recebendo suas mensagens, assegurando-me orações e descrevendo suas comunidades, serviços, alegrias e sofrimentos. Li todas com cuidado e emoção. Obrigada por esta partilha que enriquecem a minha oração e que me fazem dar graças a Deus pela Companhia, onde se vivem tantas maravilhas entre nós, e pelos pobres. Assim, algumas me dizem como, juntas, inventam meios para aliviar os efeitos da crise econômica sobre os mais pobres; outras descrevem o quanto apreciaram as partilhas feitas por suas Visitadoras e delegadas sobre a Assembleia geral.

O que será este ano de 2010, para o mundo, a Igreja e a Companhia?

A sociedade civil escolheu vários temas interessantes para o ano que começa hoje. Para a ONU, é ao mesmo tempo, o ano internacional da biodiversidade, motivando-nos a proteger a diversidade da vida sobre a terra e o ano internacional da aproximação das culturas. Na Europa, abre-se o ano de luta contra a pobreza e a exclusão social.

Nosso Santo Padre Bento XVI, em sua mensagem de 1º de janeiro intitulada: “*Se queres cultivar a paz, preserva a criação*”, oferece-nos algumas frases persistentes: “*A humanidade tem necessidade de uma profunda renovação cultural; precisa de redescobrir aqueles valores que constituem o alicerce firme sobre o qual se pode construir um futuro melhor para todos. As situações de crise que está atravessando, de carácter econômico, alimentar, ambiental ou social, no fundo são também crises morais e estão todas interligadas. Elas obrigam a projectar de novo a estrada comum dos homens. Impõem, de maneira particular, um modo de viver marcado pela sobriedade e solidariedade*” (nº 5).

Os três temas oferecidos pela sociedade civil e a mensagem do Santo Padre estão bem ligados com o nosso carisma e nos oferecem caminhos de serviço, de colaboração e de evangelização. Eles se encontram em nosso Documento Interassembleias do qual eu cito um apelo:

** Adotar, numa sociedade de consumo, um estilo de vida simples, equilibrado, que respeite o meio ambiente.*

E duas respostas:

** Escolhas concretas para um estilo de vida simples e uma maior aproximação com os pobres.*

** Atos coerentes quanto à proteção dos recursos da terra e na defesa ecológica.*

Nestas abordagens, li para a Companhia em 2010, um convite a encontrar *uma maneira de viver baseada na sobriedade e solidariedade*, que resulta da primeira bem-aventurança. O que Deus ama nos pobres é sua grande disponibilidade em acreditar, em entregar-se a Ele. O que Deus ama nos pobres, não é tanto o que eles têm mas o que não têm, a autosubsistência. Recordemos esta exclamação de São Vicente: *“Ó minhas Filhas, se sois verdadeiramente pobres. Sois ainda mais verdadeiramente ricas, pois Deus é o vosso tudo”* (Conf., p. 58). E esta reflexão de Santa Luísa à Irmã Luísa Cristina. *“...pela graça de Deus, sei muito bem que não quereis entesourar. Amais muito a santa pobreza e a confiança em Deus: os dois pilares da Companhia das Filhas da Caridade”* (Escrito, L. 489, p. 588).

Resgatemos a pobreza profética que, pelo exemplo do despojamento, proclama que existe um outro bem. Ela também é motivação missionária, *não leveis nada para o caminho* e conduz à contemplação, *“pessoas que nada têm, mas possuem tudo”* (cf. 2 Cor 6, 10). Podemos possuir as coisas sem acumulá-las, monopolizá-las e sem nos tornarmos escravos delas.

Um ano novo nos é dado para permitir-nos avançar nesta reflexão. Onde estamos nós? *Como nos deixaremos transformar pelo Espírito? Como manteremos a chama do carisma?*

Que este ano jubilar, Missão e Caridade, nos permita fazer irradiar entre nós, ao nosso redor, lá onde estamos, onde servimos, o calor e o amor que ardia no coração de São Vicente e no de Santa Luísa, bem como sua estima pela simplicidade e a sobriedade. Entre os membros da Família Vicentina, nós, Filhas da Caridade, beneficiamos desta dupla herança, divulguemo-la com alegria ao longo deste ano. Assim, o Conselho geral optou para que as duas grandes festas, de 15 de março e de 27 de setembro, sejam celebradas lá onde estamos, a fim de partilhar a nossa alegria com aqueles que estão ao nosso lado e servimos diariamente.

O ano de 2010 será, também, marcado pela Assembleia geral da Congregação da Missão cujos trabalhos se realizarão em nossa Casa Mãe. Rezaremos nesta intenção. Confiamos, igualmente, neste ano sacerdotal, todos os padres à Virgem Maria. Hoje, celebramo-la como Mãe de Deus, modelo dos corações humildes, dos corações pobres e causa de nossa alegria. Todos os dias, dirigimo-nos a ela, nossa única Mãe que tem em suas mãos a Companhia.

Com minha afeição fraterna e a certeza de minha oração na intenção de cada Irmã,

Irmã Evelyne Franc
Filha da Caridade

PADRE GRÉGORIO GAY, SUPERIOR GERAL

Casa Mãe

Conferência de 1º de janeiro de 2010

Minhas Irmãs, eu gostaria de centrar minhas reflexões sobre dois momentos importantes que vocês, Filhas da Caridade, assim como a Família Vicentina viveram e vivem.

O primeiro é o da sua recente Assembleia geral e do Documento Interassembleias, fruto da ação do Espírito Santo presente na Assembleia geral. Este documento poderá ajudar e guiar Irmã Evelyne com seu Conselho bem como toda a Companhia das Filhas da Caridade, no futuro e particularmente durante os próximos seis anos.

Entre as diferentes riquezas que este Documento Interassembleias oferece para a nossa reflexão, está o apelo dirigido a cada Irmã, como membro da Companhia das Filhas da Caridade, a viver sua vocação em numa profunda união; isto é, a nível local com as Irmãs de sua Comunidade, na partilha da missão comum, refletindo juntas sobre a missão, apresentando-a ao Senhor na oração e realizando-a juntas. A partir da comunidade local, nós nos deslocamos ao nível provincial, onde cada Província é chamada a viver a unidade como sinal e testemunho do carisma através dos diferentes apostolados confiados às Filhas da Caridade.

Pelo fato de vivermos num contexto de globalização, era evidente que durante a Assembleia geral, se sentisse a necessidade de ir além das fronteiras de nossas Províncias e de viver o carisma em um nível interprovincial. Ao falar, por exemplo, sobre a terrível situação do tráfico de mulheres e de crianças, vimos que se trata de um tema a ser abordado, não somente a partir dos países de origem, mas também dos países de acolhimento. É uma realidade da vida dos pobres, daqueles que sofrem e dos mais abandonados; esta situação interpela as Filhas da Caridade e as chama à uma ação que será mais eficaz quando esta for empreendida a nível interprovincial.

As relações interprovinciais profundas deslocam-se para o “centro”: Irmã Evelyne com seu Conselho, coloca-se a serviço de todas como guia, convidando-as a viver melhor o carisma hoje. Penso que para vocês, Filhas da Caridade, sempre ficou claro que dirigir-se ao “centro” é fonte de inspiração para viver o carisma. Isto significa que o dinamismo parte do “centro” para estender-se a todas as Províncias e, além das Províncias, não só a título individual, mas como membros de um corpo universal. Com isso, quero falar da necessidade de aprofundar seu sentido de pertença a uma Companhia internacional, tirando seu dinamismo do “centro” e vivendo a internacionalidade, convidando-as a criar laços umas com as outras, de um lugar a outro através do mundo.

O segundo ponto sobre o qual falou-se muito durante a Assembleia das Filhas da Caridade foi o jubileu, o 350º aniversário no qual comemoramos a passagem de São Vicente, de Santa Luísa e do Padre Portail, desta vida terrestre para a felicidade eterna.

Como já sabem, o tema deste ano jubilar do 350º aniversário é muito simples: é “**missão e caridade**”, tema que convida todos nós da Família Vicentina, e mais particularmente, vocês Filhas da Caridade, a refletirem sobre o sentido da missão, sobre o que significa ser missionária e sobre a maneira como são chamadas a viver o dom da caridade que lhes foi confiado. Aqui, mais

particularmente, na Casa Mãe, vocês têm uma missão muito especial. É verdade que não é tão fascinante e apaixonante como na maioria das missões *ad gentes*, mas certamente, é uma missão a serviço de toda a Companhia das Filhas da Caridade. Vivendo esta missão no coração da Companhia das Filhas da Caridade em Paris, nas diferentes Comunidades locais aqui representadas hoje, penso que é importante que vivamos esta missão de uma maneira simples e concreta.

Primeiramente, penso que é importante, como missionário (a), saber o que acontece no mundo. Recentemente, fiz a visita canônica da Congregação da Missão na Áustria e tive a possibilidade de visitar algumas comunidades de Filhas da Caridade. Fiquei impressionado com a experiência de uma Irmã idosa de uma das comunidades: todas as noites, ela escuta as notícias internacionais e nacionais e, no dia seguinte, comunica a todas as Irmãs da Comunidade os acontecimentos ocorridos a nível local, nacional e internacional, e assim, elas os apresentam ao Senhor na oração. Uma das Irmãs me perguntou sobre a situação política e social de Honduras. Fiquei desconcertado e realmente surpreso. Por que uma Irmã da Áustria queria saber informações sobre o que estava acontecendo num pequeno lugar do mundo, na América Central, chamado Honduras? Mas sua pergunta me interpelou. Penso que é maravilhoso ver, Irmãs idosas, demonstrando interesse em saber, apesar de uma idade avançada e talvez com capacidades bem limitadas para viver a missão, permanecerem unidas ao mundo, através de suas orações, seus sofrimentos pessoal e os pequenos serviços prestados umas às outras. Penso que aqui há algo que pode interpelar todos nós: estar informado do que acontece no mundo a fim de levá-lo a nossa reflexão como cristãos e vicentinos.

Por outro lado, suas missões particulares são confinadas a um campo restrito e limitado, mas penso que como Filhas da Caridade, vocês têm a possibilidade de permanecerem unidas ao mundo dos pobres. Constatei a grande preocupação de suas comunidades de refletir juntas, para tentar responder às necessidades concretas dos pobres.

Permitam-me acrescentar uma palavra sobre a caridade, visto que se trata do segundo pilar de nosso tema para o 350º aniversário. Em várias ocasiões, eu falei, aqui e em outros lugares, sobre a necessidade que temos de aprofundar a nossa compreensão da caridade e fazer com que o mundo entenda que é mais importante estender uma mão que ajude a levantar-se, do que dar esmola. Queremos dar aos pobres, e fazê-lo, como disse outras vezes, estando perto deles. Devemos estar sempre unidos aos pobres de uma maneira ou de outra. Por nosso serviço e nossa oração, trabalhamos pela promoção e dignidade dos filhos de Deus.

Uma outra dimensão da caridade nos desafia a questionar as estruturas que oprimem os pobres, trabalhando juntos, com eles, a fim de provocar uma mudança sistêmica. As diferentes reflexões realizadas no mundo inteiro através do gabinete da Comissão para a promoção da mudança sistêmica, animada pelo Padre Maloney, e o gabinete da Família Vicentina, por meu delegado para a mesma, o Padre Manuel Ginete, falam claramente destas dimensões da “caridade”. Todos nós temos a possibilidade de entrar neste processo da caridade, fazendo-os tomarem consciência da situação difícil dos pobres no mundo de hoje. Somos desafiados a encontrar os meios para contribuir a aliviar os seus sofrimentos, trabalhando juntos, com eles, para que sejam reconhecidos em sua dignidade e se levantem por si mesmos, como pessoas dignas da vida que Deus lhes concedeu.

Com este tema “missão e caridade”, queremos fazer de tal modo que possamos viver este jubileu à luz da experiência do serviço partilhado, como o viveram Santa Luísa de Marillac, São Vicente de Paulo e o Padre Portail. Queremos fixar nosso olhar sobre a realidade que eles viveram quando acompanhavam os pobres mais abandonados de seu tempo, em Paris. Eles se deixaram evangelizar pelos pobres para poder, por sua vez, evangelizá-los. Nossos fundadores

souberam reconhecer o Cristo nos pobres, chamando outros a seguir Jesus Cristo e a reconhecê-Lo nos pobres. Seguindo seus passos, as Filhas da Caridade, os Padres da Missão, as Senhoras da Caridade da época, uniram seus esforços para servir o Cristo nos pobres.

Hoje, Filhas da Caridade e membros da Congregação da Missão, bem como os membros dos outros ramos da Família Vicentina, tentam viver o carisma em sua plenitude. Creio verdadeiramente que o carisma só será vivido em plenitude quando for compartilhado. Seja qual for a forma de serviço confiado, somos convidados a vivê-lo em colaboração. Nenhum de nós, membros da Família Vicentina, possui todas as respostas. Reconhecemos humildemente que podemos aprender dos outros, particularmente, na Congregação da Missão e vocês, Filhas da Caridade, acreditamos que podemos aprender a amar profundamente os pobres, colaborando com nossos irmãos e irmãs dos outros ramos da Família.

Nosso carisma é um; ninguém tem os direitos exclusivos; mas nós o vivemos cada um de uma maneira própria e única. Penso que aí está a beleza da Família Vicentina: cada um de nós tem dons e maneiras diferentes de viver o carisma. Quando partilhamos juntos o nosso trabalho, nosso serviço, nosso acompanhamento, nosso amor pelos pobres torna-se muito mais eficaz. Continuamente, eu apresento a todos os membros da Família Vicentina, mas em particular às Filhas da Caridade, o grande exemplo da Bem-aventurada Rosalie Rendu que amou profundamente o pobre e manifestou este amor no serviço concreto durante muitos anos. Ela amou tanto os pobres e viveu tão fielmente o carisma, que ela quis transmiti-lo e partilhá-lo com outros. Assim o fez com Frederico Ozanam e seus companheiros. Frequentemente, tenho escutado o Presidente Internacional da Sociedade de São Vicente de Paulo repetir que, o que eles são hoje, em termos de força no testemunho do amor e preocupação pelos pobres, concretamente no mundo inteiro, eles o devem à inspiração de Irmã Rosalie.

O Senhor Jesus tem sido muito bom para com as Filhas da Caridade ao longo de sua história, mas mais particularmente durante o ano passado com o dom da Assembleia geral e do Documento Interassembleias, que as convida a viver mais plenamente sua identidade de uma maneira profética nos diferentes lugares do mundo.

Além disso, celebrando este ano do jubileu, que o Senhor encha o coração de todos os membros da Família Vicentina. Peçamos-lhe que nos ajude a viver sempre melhor nosso carisma e a partilhá-lo com todos aqueles que acompanhamos e que têm no coração um grande amor por São Vicente e Santa Luísa.

Padre Grégory GAY, cm
Superior geral

MÈRE E. FRANC, SUPERIORA GERAL

A todas as Filhas da Caridade

Carta de 2 de fevereiro de 2010

Minhas queridas Irmãs,

Que a Paz de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco!

De acordo com a bonita tradição da Companhia herdada de Santa Luísa, apresentei os nossos pedidos de Renovação ao Padre Gregory, nosso Superior geral. Sei que suas orações me acompanharam durante este encontro, pelo que lhes agradeço. Confirmei ao Padre Gregory o nosso desejo de nos entregar de novo totalmente a Deus na Companhia para o serviço de Cristo nos pobres. Este pedido resumiu, ao mesmo tempo, o nosso desejo de responder com um novo ardor o chamado do Senhor, o nosso sentimento de pertença à Companhia e, também, a nossa tomada de consciência por não termos sido sempre fiéis ao compromisso de nossos votos em nossa vivência diária.

Comentei com o Padre Gregory, as alegrias e as tristezas do ano passado; recordamos as conclusões da Assembleia geral, falamos muito do drama do Haiti e da nossa resposta generosa de todas as coisas através da oração, dos dons e dos oferecimentos de serviço. Apresentei-lhe também, os desafios que a Companhia enfrenta e como cada Província estuda e se adapta ao Documento Interassembleias. Claro que, o Padre Gregory abordou também o tema do ano jubilar do 350º aniversário da morte de São Vicente e de Santa Luísa e juntos, rendemos graças pelo dinamismo criativo que este jubileu suscita na Companhia. Agora, tenho a alegria de comunicar-lhes que o nosso Superior geral nos concede a graça da Renovação para o dia 25 de março de 2010, pelo que agradeço-lhe em nome de todas.

Algumas semanas nos separam da festa da Anunciação e seria bom aproveitá-las para refletir sobre a próxima Renovação, preparar-nos seriamente a fim de que algo mude em nossa vida, e que como cada ano, o nosso dom total ao Senhor para os pobres se intensifique.

A Assembleia geral de 2009 nos lançou um apelo urgente a deixarmos-nos transformar pelo Espírito, fonte de profecia e de esperança¹. Proponho-lhes que este ano e os próximos, apoiemo-nos no Documento Interassembleias para preparar a nossa Renovação. Refletiremos sobre os diversos temas expostos no documento, de modo transversal, tomando como fio condutor os pontos destacados pela Assembleia de 2009, bem como, os apelos que a mesma nos lança e as respostas que pede de nossa parte.

“Deixar-nos transformar pelo Espírito” é a imensa obra da graça, uma obra jamais terminada. Esta implica numa disposição permanente em aceitar que o Espírito trabalhe em nós e nos modele, permitindo-lhe criar em nós “*a semelhança com o Cristo manso e humilde de coração*”², convictas de que seremos instrumentos de suas obras na medida de nossa fidelidade³.

Este ano, a nossa reflexão se centrará no título do nosso Documento Interassembleias, colocando a ênfase na esperança que emana necessariamente de uma vida que se deixa transformar pelo Espírito. Vamos comentar sucessivamente o título e o subtítulo – fonte de profecia e esperança –, em seguida, ver como na vivência de nossos votos, podemos irradiar a esperança que nos habita.

DEIXEMO-NOS TRANSFORMAR PELO ESPÍRITO

Para deixarmos-nos transformar pelo Espírito, precisamos tomar consciência de que Ele vem constantemente ao nosso encontro de muitos modos, às vezes desconcertantes: “*O vento sopra onde quer; ouves-lhe o ruído, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai. Assim acontece com aquele que nasceu do Espírito*”⁴.

“*Ouves-lhe o ruído*”, nos diz Jesus. Trata-se de uma escuta pessoal, íntima, de um “tu a tu). Frequentemente nos faltam as palavras para descrever esta experiência que, em seguida, se traduz por fatos.

Para deixarmos-nos transformar pelo Espírito, é necessário viver atentas à sua passagem, permanecermos à sua escuta, dóceis às suas inspirações, disponíveis aos seus apelos; e para chegar a isso, precisamos aspirar profundamente a ser o que somos chamadas a ser, *querer ser o que somos*.

Sem o Espírito, a nossa vida é uma terra árida, ressecada. Sem o Espírito, a nossa vida debilita. Com o Espírito, ela é inundada de luz, de beleza, de claridade. Sob o sopro do Espírito, resplandece a vida e se renova a face da terra, como canta o salmista:

*Bendize, ó minha alma, o Senhor! Senhor, meu Deus, vós sois imensamente grande!
Estás vestido de honra e de majestade, envolvido de luz como de um manto.
Fazeis dos ventos os vossos mensageiros...
Mandastes as fontes correr em riachos...
Envias o teu fôlego, e são criados; e assim renovas a face da terra*⁵.

De um coração cheio da vida do Espírito, brotam a adoração e o louvor que permitem reconhecer e proclamar as maravilhas do Senhor, cantar com alegria sua grandeza, como fez a Virgem Maria. O louvor expressa que nós descobrimos o Senhor, que saboreamos sua bondade, que tudo nos fala dEle e nos conduz a Ele.

*“Dai graças ao Senhor; invocai o seu nome...
Cantai-lhe, cantai-lhe louvores; falai de todas as suas maravilhas...
Buscai ao Senhor e a sua força ...
Lembraí-vos das maravilhas que ele tem feito”*⁶.

O louvor não se limita a momentos determinados, pontuais de oração. Como o coração que não cessa de bater, nossos lábios, nossas vidas desejam proclamar continuamente a bondade, a misericórdia e o amor do Senhor que permanecem para sempre.

*“Desde o nascer do sol até o seu ocaso, louvado seja o nome do Senhor”*⁷.

FONTE DE PROFECIA E DE ESPERANÇA

* *“Deus ama este mundo e nos convida a amá-lo profundamente, a olhá-lo como Ele o olha”*⁸.

Descubramos com admiração e reconhecimento os sinais de vida, as sementes e os brotos de esperança que existem no mundo, na Igreja, na Companhia, em nossa comunidade, entre os pobres aos quais somos enviadas.

A virtude da esperança pode se expressar de vários modos, mas é sempre uma atitude profunda da pessoa humana que colore a sua vida, pondo uma nota de bondade simples e alegre em tudo o que ela toca.

Convido-as a fazer, pessoalmente e depois em comunidade, uma leitura da realidade, no plano eclesial, comunitário e social, dando uma atenção particular ao meio no qual vivem. A partir desta leitura, iluminada pelo Evangelho, façam emergir tudo o que ao redor de vocês é raio de luz, de esperança e que pode levar à humanidade algo de positivo e enriquecedor.

Nossos Fundadores nos ensinaram a descobrir a mão amorosa da Providência que dirige os acontecimentos segundo o seu plano de amor, inclusive em meio a situações

incompreensíveis. Eles nos encorajam a aceitar os acontecimentos na paz, sem desanimarmos diante das dificuldades. Assim, Santa Luísa escrevia às Irmãs enviadas a Le Mans, que ficaram várias semanas hospedadas na casa de uma bondosa senhora, sem poder servir no hospital:

“Bendito seja Deus pela proteção concedida à vossa viagem e, particularmente, pela boa saúde que vos deu e também por todas as dificuldades e contradições de que me falastes. Sei que sua bondade vos outorgou ainda a graça de não vos desanimardes por não terdes nada para fazer, pois, não nos importa que nada façamos! Basta-nos que Deus saiba que estamos totalmente decididas a trabalhar, quando quiser utilizar-nos!”⁹.

Por sua parte, São Vicente viveu profundamente ancorado na divina Providência e nada o preocupava mais do que tomar um caminho diferente daquele do plano de amor de Deus. A conferência que fez em 9 de junho de 1658 às Filhas da Caridade sobre este tema, expressa-o claramente e resume o seu sentimento de abandono filial nos braços de Deus o Pai:

“Não sei que valor terá a Filha da Caridade sem esta confiança. Apenas sente a tentação, crê que tudo está perdido. Se está doente, inquieta-se, julga que a causa da sua doença é a alimentação, o ambiente, ou outra coisa que lhe faz pena. Porquê? Porque não tem confiança na Providência”¹⁰.

“Conservai-vos firmes e nunca desanimeis na confiança que deveis ter na divina Providência, mesmo quando estiverdes no campo de batalha. Não temais, porque nada de mal vos há de acontecer”¹¹.

Neste ano jubilar cujo objetivo principal é o aprofundamento da espiritualidade de nosso carisma vicentino, convido-as a reler, meditar, saborear esta conferência magnífica de nosso Fundador na qual nós recobramos o frescor e a transparência de tantas passagens do Evangelho que nos convidam à confiança e ao abandono à divina Providência... *“Não temais pequeno rebanho”¹². “Olhai as aves do céu. Observai os lírios do campo... não fará Ele bem mais por vós?”¹³. “Tranquilizai-vos, sou eu. Não tenhais medo!”¹⁴.*

Releiamos também outros textos de São Vicente e de Santa Luísa, páginas da vida da Companhia que poderão nos ajudar neste trabalho de aprofundamento e aquisição da herança de nossos Fundadores.

*** *“Um mundo com perda de referências...”¹⁵.***

O Espírito Santo é fonte de profecia e de esperança neste mundo que perde suas referências. Todas nós, mais ou menos conscientemente, sofremos a influência de nossa civilização pós-moderna, de uma cultura fragmentada na qual algumas características são: a instalação no presente, o materialismo que confunde o prazer e a alegria, e a fascinação pelo progresso do mundo. A crise econômica e social destes últimos meses nos têm permitido constatar com tristeza que os frutos deste sistema têm o gosto amargo do desespero e da miséria.

Uma das doenças do nosso tempo é a falta de esperança. Em muitos de nossos contemporâneos e igualmente nas comunidades, pode se introduzir sutilmente um certo tom de pessimismo e desencanto disfarçado de realismo.

Um mundo em perda de referências caminha à deriva.

“O homem não pode viver sem esperança: sua vida seria declarada insignificante e se tornaria insuportável”¹⁶.

Quando a esperança é difícil, é bom lembrar-se de Abraão que esperou contra toda a esperança¹⁷ e dos discípulos de Emaús que voltavam para casa tristes e desanimados: esperávamos que fosse ele quem havia de restaurar Israel...¹⁸.

Até mesmo nos aspectos mais elementares da vida diária, pode nos faltar a dimensão da esperança paciente, do trabalho que espera os frutos no tempo previsto; frequentemente, procuramos resultados tangíveis, imediatos; às vezes, desejamos chegar à meta, evitando o esforço de percorrer o caminho.

Convido-as aqui também, a dedicar tempo para refletir sobre algumas dificuldades que encontramos para viver a esperança em nosso tempo, muito direcionada a fazer da pessoa humana sua própria referência.

“A mensagem de esperança que vem de Jesus Cristo ilumina este horizonte denso de incertezas e de pessimismo. A esperança sustenta-nos e protege no bom combate da fé, Ela é alimentada na oração, de modo muito particular no “Pai Nosso”, «resumo de tudo o que a esperança nos faz desejar”¹⁹.

A esperança não é uma fantasia, nem um sonho irrealizável; é um dom do Espírito Santo que conduz a uma vida em plenitude, cheia de alegria e de paz²⁰.

O Santo Padre Bento XVI nos diz em sua carta encíclica, consagrada à esperança:

“Precisamos das esperanças – menores ou maiores – que, dia após dia, nos mantêm a caminho. Mas, sem a grande esperança que deve superar tudo o resto, aquelas não bastam. Esta grande esperança só pode ser Deus, que abraça o universo e nos pode propor e dar aquilo que, sozinhos, não podemos conseguir...Somente o seu amor nos dá a possibilidade de perseverar com toda a sobriedade dia após dia, sem perder o ardor da esperança, num mundo que, por sua natureza, é imperfeito. E, ao mesmo tempo, o seu amor é para nós a garantia de que existe aquilo que intuímos só vagamente e, contudo, no íntimo esperamos: a vida que é ‘verdadeiramente’ vida”²¹.

*** O Espírito Santos... libera novas energias”²².**

A esperança é a virtude das pessoas fortes que não têm medo do futuro, que confiam apesar das adversidades. A esperança se comunica e irradia ou, ao contrário, se enfraquece, seca e morre.

Frequentemente, a esperança é representada simbolicamente por uma âncora, o apoio seguro que impede o barco ir à deriva. É daí que os primeiros cristãos viram na âncora um sinal de esperança. Assim, ancorados em Jesus Cristo, não temos medo, ainda que as ondas sejam enormes: *“tudo posso naquele que me fortalece”²³.*

Assim, eu gostaria de sublinhar algumas características da esperança evangélica e profética de nossas vidas de Filhas da Caridade, doadas a Deus para o serviço dos pobres. Humilde e simplesmente, os pobres proclamam que o Espírito Santo age em nós, dando-nos coragem e vida.

O Espírito Santo suscita novas energias...para acolher na esperança o dom da idade, para acolher a “irmã doença” com uma serenidade alegre.

O Espírito Santo suscita novas energias...para servir os pobres, “indo e vindo”, com prontidão e alegria, sem poupar esforços, nem medir sacrifícios; para estar disponíveis nos serviços comunitários da vida diária, que tornam possíveis a missão.

O Espírito Santo suscita novas energias...para enfrentar positivamente as dificuldades, as situações dolorosas, sem deixar que o medo ou o respeito humano nos paralise na inatividade.

O Espírito Santo suscita novas energias...para acolher com uma alegre esperança e uma nova disponibilidade as mudanças de serviço e de lugar, o fechamento de uma obra, uma nova organização provincial, no âmbito de uma reestruturação.

O Espírito Santo suscita novas energias...nas vocações jovens que continuam surgindo em muitas Províncias da Companhia e naquelas que se despertarão nas Províncias que sofrem atualmente de um certo sono vocacional.

Estamos conscientes que os jovens querem saber quem somos, o que nos impulsiona a servir os pobres, como nós vivemos, o que esperamos?

Os jovens, muitos jovens, precisam ver em nós, Filhas da Caridade, o que eles poderiam ser. Convidemo-los a virem e verem²⁴, a conhecer os pobres, a ser seus amigos. Os jovens precisam escutar uma voz que toque seus corações. Uma voz que lhes diga: Não tenham medo! Cristo encherá sua vida de amor, de alegria, de esperança e de felicidade.

Perguntemo-nos qual é a nossa esperança e como se manifesta. Tentemos falar com convicção dAquele que é nossa “Única Esperança”²⁵ o Senhor Ressuscitado.

Preparemos nossa Renovação, sob a ação do Espírito Santo, fonte de profecia e esperança.

Uma vez mais, nossos Fundadores nos ajudam, animam-nos e estimulam a viver com um coração renovado o nosso dom total a Deus. São Vicente nos convida a vivê-lo com radicalidade:

“Ora, para ser verdadeira Filha da Caridade, deve-se ter deixado tudo...é isto o que o Filho de Deus ensina no Evangelho; deve-se também ter-se deixado a si mesmo; porque, se se deixar tudo e se conservar a vontade própria, se se não deixa a si mesmo, nada se fez”²⁶.

Por sua vez, Santa Luísa se expressa assim: *“Abandonar-me-ei totalmente à Santa Providência, renunciando, para sempre, a meu livre arbítrio que depositarei nas mãos de Deus”²⁷.*

A **castidade** pelo Reino que liberta o coração e o dilata às dimensões do coração de Cristo, nos torna disponíveis para servir²⁸. Pela castidade, damos testemunho da esperança com a força do Espírito, Senhor e doador de vida.

Peçamos o dom da vigilância que nos mantém alertas diante das armadilhas sutis da mentalidade hedonista que invade o território social por todas as partes e que se infiltra em nossas comunidades sob diversas formas... o culto ao corpo, a obsessão pela imagem e a aparência, a busca de conforto.

Cuidemos do clima comunitário que favorece um ritmo de trabalho equilibrado. Que o profetismo da comunidade seja reconhecido através de nossa linguagem evangélica de amor

fraterno, de relação cordial, de transparência e compreensão, de ajuda mútua e perdão, de participação entusiasta e responsável na vida comunitária.

A pobreza, em seguimento de Cristo e em espírito de abandono ao Pai, torna-nos felizes de não ter outro tesouro senão Ele, impulsiona-nos a colocar a serviço dos outros o que somos e o que temos²⁹. Pela pobreza, damos testemunho da esperança em Deus Pai, nosso único tesouro.

Peçamos o dom de viver a confiança, o abandono em Deus, que nos leva a desprender-nos com alegria de tudo o que nos freia no dom total e a reagir com coragem diante dos ídolos do materialismo e das múltiplas ofertas da sociedade de consumo.

Cuidemos do clima comunitário que reforça um estilo de vida mais coerente com o Evangelho e o espírito de nossos Fundadores. Avancemos juntas na decisão de viver uma pobreza profética que se faz visível na simplicidade e sobriedade de nosso estilo de vida. Sejam coerentes e tomemos decisões comunitárias corajosas em relação às despesas, ao uso dos meios tecnológicos (tempo, finalidade).

A obediência na fé, que reproduz a atitude do Filho de Deus obediente até a morte de cruz, leva-nos a fazer a Deus o oferecimento total de nossa liberdade³⁰. Pela obediência, damos testemunho da esperança em Jesus Cristo, nosso libertador e salvador.

Peçamos o dom da escuta para amar e acolher a vontade de Deus e ter a coragem de deixar-nos conduzir por ela, através das mediações.

Cuidemos do clima comunitário que favorece a abertura de coração ao diálogo sereno, à escuta respeitosa, à busca apaixonada do querer de Deus, que culmina no discernimento evangélico. Sejam lúcidas para reagir diante da sedução de uma cultura individualista que absolutiza a autonomia pessoal, sem referência à comunidade, desfaçamo-nos das parcelas de independência que nos distanciam da missão comum.

O serviço dos pobres, olhar de fé e vivência na prática do amor do qual Cristo é fonte e modelo, expressa de modo visível nosso dom total a Deus³¹. Pelo serviço dos pobres, nós somos testemunhas da esperança, anunciando o Evangelho e tornando presente o Reino³².

Peçamos o dom da disponibilidade para viver a missão que nos foi confiada com audácia e generosidade

Cuidemos do clima comunitário que nos mantém no fervor apostólico, que nos ajuda a viver a missão com um entusiasmo renovado lá onde somos enviadas. Que a nossa paixão por Deus e pelos pobres seja visível. Ajudemo-nos a conservar a mobilidade, a audácia na disponibilidade que fazem superar o medo do desconhecido para enfrentar os caminhos onde tropeçam tantas pessoas abatidas e abandonadas; cuidemos de suas feridas com o óleo da doçura, o bálsamo da misericórdia. Permaneçamos com elas, dediquemos tempo para escutá-las, acolhê-las e acompanhá-las.

Esta preparação da renovação nos oferece uma nova ocasião para revisar a autenticidade de nossa resposta ao Senhor, para avançar juntas no caminho de uma fidelidade plena de esperança e profética.

Para concluir, emprestemos novamente algumas frases do Papa Bento XVI:

“A vida é como uma viagem no mar da história, com frequência enevoadada e tempestuosa, uma viagem na qual perscrutamos os astros que nos indicam a rota. As verdadeiras estrelas da nossa vida são as pessoas que souberam viver com rectidão. Elas são luzes de esperança. Certamente, Jesus Cristo é a luz..., o sol erguido sobre todas as trevas da história. Mas, para chegar até Ele precisamos também de luzes vizinhas, de pessoas que dão luz recebida da luz d'Ele e oferecem, assim, orientação para a nossa travessia. E quem mais do que Maria poderia ser para nós estrela de esperança? Ela que, pelo seu “sim”, abriu ao próprio Deus a porta do nosso mundo; Ela que Se tornou a Arca da Aliança viva, onde Deus Se fez carne, tornou-Se um de nós e estabeleceu a sua tenda no meio de nós?”³³

Peçamos à Virgem Maria, a estrela da esperança, a São Vicente, Santa Luísa e às Bem-aventuradas deste mês de fevereiro, Irmã Marie Anne e Irmã Odile, Irmã Guiseppina e Irmã Rosalie, que nos guiem nesta preparação à festa da Anunciação.

Em nome de todas, agradei o Padre Gregory por seu dinamismo e pela atenção que ele presta à Companhia e a cada Irmã. Transmiti também ao Padre Javier a nossa gratidão por seu incassável acompanhamento. Unida a todas, repeti também com muito respeito e afeto a nossa gratidão ao Padre McCullen, Padre Maloney, Padre Quintano, à Mère Duzan e Mère Elizondo que sentimos tão próximos de nós.

Com minha afeição fraterna e a certeza de minha oração na intenção de cada Irmã,

Irmã Evelyne Franc
Filha da Caridade

Notas

¹ Documento Interassembleias 2009-2015

² C. 18.

³ Cf. C. 17c.

⁴ Jo 3, 8.

⁵ Cf. SI 104.

⁶ SI 105 4-6.

⁷ SI 113.

⁸ Cf. Gn 1, 31; Jo 3, 16. (Doc. Ass. 2009, p. 7.

⁹ Escritos L. 141, p. 175

¹⁰ Conf. p. 782.

¹¹ Conf. p. 784

¹² Lc 12, 32.

¹³ Mt 6, 25-30.

¹⁴ Mt 14, 27.

¹⁵ Doc. Ass. 2009, p. 6.

¹⁶ Ecl. In Europa, 10.

¹⁷ Cf. Rm 4, 18.

¹⁸ Cf. Lc 24, 13-35.

¹⁹ João Paulo II, Audiência de 11 de novembro de 1998.

²⁰ Cf. Rm 15, 13.

²¹ Spe Salvi, n. 31.

²² Doc. Ass. 2009, p. 6.

²³ Fil 4, 13.

²⁴ Cf. Jo 1, 39.

²⁵ Spes Unica. Cf. Santa Luisa

²⁶ Conf. p. 9.

²⁷ Escritos, A. 30, p. 841.

²⁸ Cf. C. 29a.

²⁹ Cf. C. 30a.

³⁰ Cf. C 31.

³¹ Cf. C. 16b.

³² Cf. C. 10a.

³³ Spes Salvi n° 49

Carta de 15 de fevereiro de 2010

Minhas queridas Irmãs,

Após a rápida viagem que Irmã Iliana e eu acabamos de fazer a Santo Domingo e Haiti, quero em primeiro lugar, agradecer-lhes pelas orações e comunhão de coração para com nossas Irmãs da Província do Haiti. Não imaginam a que ponto seus testemunhos de solidariedade as tocaram e também o quanto elas precisam de nossas orações.

É difícil fazer um relato de tudo o que nós vivemos durante esta curta semana, mas vou tentar dar-lhes uma visão geral da situação.

Como já lhes escrevi, a Casa Provincial foi destruída; uma empresa de Santo Domingo está tirando todos os escombros, antes de passar para a escola cujos locais rachados devem ser demolidos. A nova casa da Perière está inabitável porque o terreno ao redor abaixou consideravelmente. A estrutura das duas outras casas próximas de Porto Príncipe, a Cidade do Sol e Maria Madalena, está sendo estudada por técnicos especialistas que verificam sua resistência; algumas de suas dependências deverão ser demolidas. Logo, as nossas Irmãs vivem como refugiadas. Claro que, estamos tentando conseguir-lhes habitações pré-fabricadas pensando na estação de chuvas, mas certamente, elas continuarão vivendo muitos meses no provisório. Admirei seu modo positivo de ler este despojamento forçado.

As Irmãs voluntárias vindas da América do Norte, do Caribe, da América do Sul e da Europa colocaram-se alegremente a serviço, apesar das frustrações inerentes à situação. É realmente difícil inserir-se nas equipes de ONGs ou empreender distribuições de víveres, pois, corre-se o risco de virar tumulto. No entanto, estas ONGs, ajudam as Irmãs da Província, por um lado, a reabrir os serviços habituais... consulta e atendimento das crianças desnutridas, jardins de infância e escolas primárias e, por outro, a procurar discretamente durante as visitas a domicílio, as pessoas mais necessitadas e levar-lhes o socorro médico e alimentar necessário.

As Irmãs da Província colaboram, evidentemente, com a Família Vicentina e partilham as ajudas recebidas com os pobres e com as outras Congregações locais, num espírito de profunda comunhão.

Foi muito comovedor escutar o que as nossas Irmãs viveram no dia 12 de janeiro passado. Com muita simplicidade, elas descreveram seu pavor, seus reflexos de fé na atmosfera de caos total dos primeiros minutos; em seguida, suas incredulidades diante da dimensão do desastre, a chegada incessante de feridos, a espontaneidade dos socorros improvisados e as horas passadas para desinfetar e suturar os ferimentos. Todas destacaram o clima de oração e solidariedade desta primeira noite. Em seguida, descreveram a busca angustiante por Irmã Brigitte nos dias seguintes e a emoção durante o seu enterro no jardim da Casa Provincial.

Nos poucos dias que sucederam o terremoto, algumas Irmãs tiveram a possibilidade de ajudar no hospital da Paz e ser testemunhas da ternura de Deus junto dos doentes, muitas vezes, marcados em sua carne, de suas famílias e do pessoal de saúde local ou estrangeiro. Todas as Irmãs me disseram ainda, o quanto o ter escapado da morte naquela noite lhes dava o sentimento de ter feito uma forte experiência de Deus, recebido uma missão, um convite a avançar ao largo...

Gostaria de terminar estas poucas linhas, agradecendo a Irmã Maria Teresa Tapia e as Irmãs da Província do Haiti, que nos receberam com tanta delicadeza, fazendo-nos partilhar a paixão que têm pelos pobres deste belo país tão atrozmente destruído. Na oração que nos reunia cada manhã, apresentamos ao Senhor da Caridade e à Virgem Maria o povo haitiano. Apresento também, o meu agradecimento à Irmã Servia Tulia Garcia e às Irmãs da Província de Santo

Domingo, por seu acolhimento no início e no fim de nossa viagem e por sua imensa generosidade para com as Irmãs do Haiti. Que o Senhor seja sua recompensa!

A São Vicente, patrono das obras de caridade e a Santa Luísa, patrona dos Assistentes Sociais, confiamos os próximos meses, a fim de por sua intercessão, o Senhor abençoe e fecunde todos os esforços feitos em favor de nossos irmãos e irmãs que sofrem.

Com minha dedicada afeição,

Irmã Evelyne Franc
Filha da Caridade

PADRE G. GAY, SUPERIOR GERAL

A todos os membros da Família Vicentina

Quaresma 2010

A minha graça te basta, o meu poder te fortifica na fraqueza. O tempo da Quaresma se abre novamente diante de nós e, para nos ajudar, como Família Vicentina, a entrar mais profundamente neste tempo de graça, proponho-lhes a seguinte reflexão.

Após a publicação de minha carta para o Advento, centrada principalmente sobre a paz como um aspecto importante da vida cristã, tive um diálogo frutuoso com uma amiga sobre a minha experiência na América Central como missionário. Esta amiga muito engajada com os pobres, considera-se cristã católica. Uma de suas características é que ela é a favor da revolução, inclusive da revolução armada, particularmente no e para os países em desenvolvimento que lutam para progredir no mundo de hoje. Nosso diálogo, evidentemente, continuou sobre a questão da paz e da não violência. Minha posição é totalmente contrária à revolução armada e mais aberta ao que eu considero como uma abordagem evangélica da revolução não violenta, aquela proposta por Jesus Cristo através dos diversos exemplos que Ele nos dá, de transformação da sociedade não pela força, mas pelo amor.

Esta pessoa amiga me enviou um artigo sobre a não violência, encontrado por acaso. Embora ela não esteja talvez inteiramente de acordo com o seu conteúdo, este artigo, no entanto, levou-a a pensar no valor da não violência no mundo de hoje. De minha parte, este artigo permitiu-me fazer uma reflexão mais aprofundada sobre a não violência em nossa tradição cristã e o exemplo da vida do próprio Jesus Cristo.

O autor desta curta reflexão sobre a não violência começa mostrando que nós fazemos parte de uma cultura que, historicamente, justificou o uso da violência. À medida que a história se desenvolveu, progrediu e tornou-se tão sofisticada com a utilização dos meios tecnológicos modernos na fabricação das armas, ela construiu um paradigma cultural que, de certo modo, põe em perigo a raça humana e toda a vida do planeta conduzindo-a à beira da extinção. Mas, ao mesmo tempo e paralelamente a esta proposição cultural vivida durante séculos, surgem novos modos de agir que começam a dismantelar a justificação dos métodos de violência, de todos os tipos de violência, e propõem que, na diversidade das expressões da vida humana, a vida em si mesma possa ser enriquecida ao invés de ser destruída. Em outras palavras, é possível construir um mundo no qual pessoas de meios e expressões culturais diferentes, possam aprender a viver

juntas numa harmonia fundamentada na diversidade, ao invés da diversidade se tornar a justificação da violência e, portanto, da destruição.

Entre as diversas maneiras criadoras de resistir à violência no mundo de hoje, o autor destaca a fragilidade como um elemento essencial. Ele propõe, ao mesmo tempo, a força das dimensões horizontais na organização da sociedade como solução, em lugar das estruturas hierarquizadas. Em outros termos, que as soluções sejam buscadas de uma maneira circular, ao redor de uma mesa onde todos, inclusive os pobres e os marginalizados, tenham a possibilidade de expressar-se num plano de igualdade nas discussões.

Mais adiante, o artigo demonstra que a imagem do inimigo deve ser desconstruída, reconhecendo que aqueles que têm uma opinião contrária, podem também, estar preparados a contribuir de maneira construtiva na busca da verdade. Em outras palavras, todos aqueles que estão ao redor da mesa, embora suas opiniões sejam diferentes, possuem uma parte de verdade e podem contribuir na construção da totalidade da verdade. Nós, como cristãos, consideramos que a verdade se constrói pelos valores que descobrimos na riqueza da vida de Jesus Cristo. É evidente que a guerra, hoje, é uma maneira ilegítima de realizar a harmonia na sociedade humana.

Além disso, através da história, a humanidade dominou o planeta a tal ponto que agora sofre as consequências. A harmonia com a natureza é uma alternativa ao seu controle e à sua dominação. Se nós esquecermos de cuidar de nosso planeta, é mais provável que os pobres sofrerão ainda mais. A conservação do planeta é um dos sinais dos tempos aos quais, nós, pessoas que vivem no século XXI, devemos responder como Família Vicentina. Para citar o papa Bento XVI, *“hoje a natureza o grande dom de Deus está exposto a sérios riscos por opções e estilos de vida que podem degradá-la. A degradação ambiental torna insustentável particularmente a existência dos pobres da terra. A degradação ambiental torna insustentável particularmente a existência dos pobres da terra. É necessário comprometer-se a cuidar da criação, sem dilapidar os seus recursos e compartilhá-los de maneira solidária”* (Ângelus de 27 de agosto de 2006 em Castel Gandolfo, antes da celebração do dia da terra).

O cuidado com a criação é também uma questão referente à mudança sistêmica. Um grande sistema difundido no mundo inteiro focaliza-se muito na eficácia e nos bens econômicos e não considera suficientemente o impacto de nossas escolhas sobre o planeta, em particular sobre os pobres. Seria bom que nós, como Família Vicentina, assumíssemos um compromisso de colaborar com outros organismos, em vista de mudar este sistema destruidor indo à raiz das causas.

Estes pressupostos são colocados em evidência como elementos implicados na transformação e reconstrução cultural de nosso mundo. Um elemento essencial a este fim é a não violência. Ela implica uma proteção sem condições da vida sob todas as suas formas, esta proteção sendo favorecida por ações concretas. Estas ações nos provocam a compreendermo-nos melhor em nossas relações humanas nos aspectos políticos, sociais e econômicos. Trata-se de compreender que, fundamentalmente como seres humanos, partilhamos com outros, este planeta que Deus gratuitamente colocou à nossa disposição. Alguns consideram que a não violência é uma utopia, pouco realista. Nós, cristãos e discípulos de Jesus Cristo evangelizador e servo dos pobres, sabemos que tal não é o caso e que, em vários lugares do mundo, a não violência prova o seu valor.

Queridos irmãos e irmãs, a reflexão sobre a não violência faz parte da nossa tradição como católicos cristãos e se encontra no coração daquilo que a Quaresma significa para nós. Centramo-nos sobre a necessidade de mudar as nossas atitudes a fim de viver em plenitude a vida

que nos foi dada na pessoa de Jesus Cristo por sua paixão, morte e ressurreição. No coração deste dom da vida nova se encontra a fragilidade.

Durante este tempo de Quaresma, meditemos sobre a fragilidade de Jesus Cristo e a nossa própria fragilidade, a fim de não considerá-la como uma limitação, mas antes como um meio de inaugurar uma vida nova para nós mesmos, para os outros e para o mundo no qual vivemos. A fragilidade de Jesus se expressa de maneira mais concreta quando Ele entrega o seu espírito depois da experiência de sua própria paixão antes e sobre a própria cruz. A carta de São Paulo aos Filipenses expressa uma profunda reflexão teológica no hino cristológico que nos diz que Jesus esvaziou-se de si mesmo humilhando-se a fim de nos fazer chegar à plenitude da vida na ressurreição. Antes deste dom total de si na cruz, Jesus mostra como a fragilidade ocupa o seu lugar na transformação da sociedade. Na véspera de sua morte, Jesus nos ensinou a maneira de ser e de agir. Lavou os pés de seus discípulos, um gesto que, em sua época, era realizado pelos escravos. Assim, Ele se tornou o servo dos servos.

São Vicente, em seus escritos aos co-irmãos e às Filhas da Caridade, nos convida a sermos indignos servos, buscando os lugares mais humildes. Esta reflexão de São Vicente de Paulo é retomada simplesmente, mas de maneira eloquente, no artigo do Padre Jean Pierre Renouard, o 5º tema proposto para a nossa reflexão como fazendo parte de nossa formação contínua durante a comemoração do 350º aniversário. No artigo do Padre Renouard intitulado “Quem é Jesus para Vicente”, ele cita São Vicente de Paulo, e reproduzi aqui uma parte desta citação: *“O que mais me impressionou do que foi dito... é o que se fala de Nosso Senhor, que era o mestre natural do mundo inteiro e não obstante se fez o último de todos, o opróbrio e a abjeção dos homens, ocupando sempre o último lugar em toda parte onde se encontrasse. Acreditai talvez, meus irmãos, que um homem é muito humilde e que humilhou-se muito quando ocupou o último lugar. Pois bem! Um homem humilhar-se-ia ocupando o lugar de Nosso Senhor? Sim, meus irmãos, o lugar de Nosso Senhor é o último”* (Coste XI p. 137).

Há um lugar mais humilde a escolher, neste momento da história, do que o de estar a serviço dos pobres no Haiti? Dizem que os haitianos são um povo incrível cuja capacidade de resistir ao sofrimento foi várias vezes provada no decorrer da história de seu país, considerado o mais pobre entre os pobres do hemisfério ocidental. Hoje, depois do terremoto mais devastador já ocorrido depois de mais de 200 anos, eles estão mais necessitados. Fiquei edificado com a resposta dada pelo grupo da Família Vicentina a esta crise e tragédia no Haiti. Em várias reflexões que foram escritas sobre o que aconteceu no Haiti, falou-se que o mundo aproveitou a ocasião desta tragédia, que poderíamos considerar como a experiência mais horrível e mais terrível em termo de perda de vidas humanas, e a transformou em obra prima, uma obra da humanidade inteira, uma obra de nosso mundo de hoje, impulsionado pelo amor de Deus que foi derramado em todos os corações. A resposta dada a esta tragédia, bem como aquelas levadas a muitas outras, é certamente edificante e prova que mundialmente temos possibilidades. Como cidadãos deste mundo, podemos trabalhar juntos, colocando de lado as nossas diferenças para que o mais frágil de nós, beneficie da nossa atenção e que o amor lhe seja manifestado e oferecido. No espírito de São Vicente de Paulo e de Santa Luísa de Marillac, somos convidados a despojar-nos e a colocar-nos ao seu serviço.

Uma tal presença junto aos nossos irmãos e irmãs que vivem na pobreza em lugares como o Haiti, pode ser percebida como uma representação simbólica de Nosso Senhor Jesus ressuscitado. Ele se levanta no meio das sombras da morte e dá uma vida nova. Tais experiências já foram vivenciadas em muitos países do mundo onde a Família Vicentina se encontra presente. Lugares que, de outro modo, não teriam esperança, não encontrariam nenhuma motivação sem a presença dos discípulos de Jesus Cristo, evangelizando e servindo os pobres. Em situações como a do Haiti, onde muitas pessoas viram desaparecer o que elas consideravam como sendo sua

segurança, é a presença de pessoas atenciosas e amáveis, que dedicam suas vidas a serviço dos outros, que permanece sinal de ressurreição, sinal de esperança e de vida.

Meus irmãos e irmãs, concludo esta reflexão sem terminá-la, porque espero que ela continuará por uma reflexão pessoal e uma partilha entre vocês. No centro de nossa fé cristã encontra-se a realidade da fragilidade da qual nasce uma vida nova. Que nós, discípulos de Cristo e em fidelidade ao seu chamado, reconheçamos a nossa fragilidade bem como a dos outros e promovamos uma vida nova pela não violência e a proteção de nosso planeta. Por nossa fragilidade damos uma resposta à fragilidade do mundo e à de toda a criação.

Nosso Deus, o Deus de Jesus Cristo, é o Deus da vida e o Deus do amor. Ele derrama continuamente este amor no e pelo dom de sua ressurreição que nós celebramos como o ponto culminante do tempo da Quaresma. Jamais esqueçamos que é a ressurreição que nos identifica. Somos um povo ressuscitado e o aleluia é o nosso canto. Deixemos ressoar o nosso canto e, como Família, cantemos junto com todos os nossos irmãos e irmãs, os pobres.

Seu irmão em São Vicente,

Padre Gregory Gay, C.M.
Superior geral

PADRE JAVIER ALVAREZ, DIRETOR GERAL

A internacionalidade da Companhia

Hoje, fala-se muito de internacionalidade e podemos dizer que nosso mundo se define como uma “aldeia global”, de acordo com a expressão do grande especialista da comunicação, Marshall McLuhan. “*Minha paróquia, é o mundo*” repetia com frequência o famoso teólogo Yves Congard. Ele dizia isto justamente para destacar que, hoje não existem barreiras na comunicação, nem na evangelização. Graças aos meios de comunicação atuais, está cada vez mais fácil compreender que a Companhia é internacional. Com uma facilidade admirável, a informação circula em todas as direções: as Irmãs da Província da Indonésia, por exemplo, podem saber, se o desejam, como vivem e trabalham as Irmãs da Província da Argentina; as de Moçambique podem saber quase em tempo real, o que acontece nas Províncias italianas. Todas podem ter as mesmas informações. Recentemente, vimos como o mundo inteiro acompanhou a tragédia do terremoto no Haiti; e todas as Províncias da Companhia tiveram uma informação bem ampla sobre as dificuldades, as preocupações e inquietações vividas pelas Irmãs da Província do Haiti.

A Companhia é uma comunidade internacional, as situações que ela atravessa confirmam isso. Podemos dar alguns exemplos, temos Comunidades internacionais implantadas em lugares de missão; como ocorreu recentemente em Haiti, equipes de Irmãs de nacionalidades diferentes se mobilizam para trabalhar nos lugares onde acontecem catástrofes. Para alguns serviços, como com migrantes, as Irmãs trabalham em rede entre Províncias; algumas Províncias mais antigas ajudam em pessoal e em material as Províncias mais jovens; existe uma colaboração internacional para projetos de solidariedade; encoraja-se para o estudo de uma língua estrangeira para favorecer a comunicação, etc. Ao longo desta conferência, veremos o que as Constituições dizem sobre esta realidade que, de uma maneira ou de outra, atinge todas as Províncias.

UNIVERSALIDADE E INTERNACIONALIDADE

Todos nós sabemos que a Igreja nasceu com um claro sentido universal. Em sua última mensagem aos seus apóstolos, logo antes de sua ascensão ao céu, Jesus diz: “*Ide, pois, e ensinai a todas as nações; batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-as a observar tudo o que vos prescrevi*” (Mt. 28, 19-20). São Vicente pretendeu fazer o mesmo com a Companhia, mas sabemos que ele não viveu o suficiente para ver suas filhas implantadas nos continentes africano, asiático e americano. Em sua conferência de 29 de setembro de 1655, ele fala às Irmãs sobre a disponibilidade. Trata-se de uma disponibilidade universal, porque menciona diversos lugares na França, mas se detém especialmente em Madagascar. E ao final, ele conclui perguntando ao grupo de Irmãs: “*Tendes esta resolução de ir em todos os lugares sem exceção?*” elas respondem sem hesitar: “*Sim, meu Pai*”¹.

A universalidade não é sinônimo de internacionalidade. Evidentemente, há elementos comuns, como por exemplo, a expansão geográfica, além das fronteiras onde nasce um certo carisma ou um espírito aberto que impulsiona a não contentar-se em viver e trabalhar num círculo reduzido, esquecendo-se de outras pessoas que sofrem. São Vicente comparava aqueles que se contentam em trabalhar assim, com “caracóis” sempre fechados em sua concha, preocupando-se apenas com seu pequeno mundo². O espírito universal está nas antípodas do espírito do caracol.

Vejam agora as diferenças. A universalidade não se detém muito em valorizar as culturas diferentes, nem as riquezas que estas podem dar ao carisma. Ela visa, antes, uma importante expansão geográfica. Pode-se dizer que a Companhia chega a ser universal quando está presente nos cinco continentes e em muitos países, evidentemente, com o objetivo de realizar o fim para o qual foi fundada, que no caso da Companhia é o serviço material e espiritual dos mais pobres. A universalidade é uma das consequências mais visíveis do zelo missionário que animou quase todos os fundadores. Foi o caso de São Vicente, como veremos em outro momento. Para conservar a unidade entre as diversas fundações implantadas em países diferentes, insistia-se muito na uniformidade. Com efeito, sabemos que, nas novas fundações, as Irmãs viveram o carisma de acordo com as expressões e as práticas estabelecidas na Casa Mãe. A teologia e a disciplina eclesial da época insistiam muito nesta forma de unidade que elas consideravam como grande prova de fidelidade ao carisma. Hoje, fala-se de internacionalidade mais do que de universalidade. A composição desta palavra “inter” e “nação ou país”, já nos indica uma ação, um dinamismo que vem do fato de que a Companhia está presente em países ou nações, diferentes do(a) qual nasceu. A Companhia é internacional, isto significa que está implantada em culturas diferentes. Culturas que recebem a influência da Companhia e que por sua vez, têm uma influência e enriquecem a Companhia em aspectos tão importantes como: a formação, o estilo de vida, a missão e as estruturas. Digamos que a universalidade é um dado geográfico que podemos verificar facilmente; por outro lado, a internacionalidade é a determinação de aceitar as consequências de viver em países diferentes e de dialogar com outras culturas onde a Companhia está presente.

A internacionalidade faz tomar consciência dos múltiplos valores que existem em todas as culturas e das “*sementes do Verbo*” que se pode encontrar em todos os grupos humanos, de acordo com a expressão do decreto *Ad gentes*³. Como surgiu esta consciência? Temos que falar de fatores convergentes. Por exemplo, se nós voltamos um pouco no curso da história, deparamo-nos com o fenômeno da descolonização. Ele se desenvolveu depois da segunda guerra mundial, trazendo consigo uma forte consciência da identidade cultural e do direito dos povos em preservá-la. Mas recentemente, a globalização criou o sentimento de que existe apenas um mundo, uma só cultura, mas não se conseguiu eliminar o que é local, o pequeno, o particular. Ao contrário, embora pareça um contrasenso, este fenômeno universal valorizou e preservou o que é

local ou nacional. Outros fenômenos como: o turismo em grande escala e a imigração transformaram gradativamente o perfil dos países, das Igrejas e das congregações religiosas. Isto provocou uma consciência sem precedente, ao mesmo tempo, do valor das culturas e da diversidade cultural.

Todos estes acontecimentos e esta sensibilidade social, junto com o fenômeno da incredulidade e o secularismo do chamado “primeiro mundo”, marcaram a Igreja e as diferentes congregações religiosas. Na Igreja, por exemplo, está se produzindo um deslocamento de Europa para os outros continentes. As Igrejas jovens adquirem cada dia mais importância. E neste contexto se insiste na inculturação da fé, no diálogo fé – cultura e na missão evangelizadora da Igreja⁴. As congregações vivem este mesmo fenômeno: as zonas de crescimento se deslocaram do Norte ao Sul e do Oeste ao Leste. No norte, começam a aparecer algumas vocações da segunda geração de imigrantes, evidentemente, em meio a uma crise de vocações sem precedentes. Os países que em épocas passadas, eram “países de missão”, agora começam a ser missionários. A Igreja e a Companhia também, começaram a ser menos europeias e mais internacionais.

A INTERNACIONALIDADE DA COMPANHIA SEGUNDO AS CONSTITUIÇÕES

Necessariamente temos que partir do artigo 6 das Constituições: *“A Companhia é internacional. O carisma é encarnado e tornado visível nas diversas culturas e nos diferentes países através do mundo: por sua vida, por seus membros, por sua organização e representação, pela comunhão, colaboração e partilha entre as Províncias”*. As Constituições ultrapassam um conceito meramente geográfico da internacionalidade e, ao mesmo tempo, conectam com todo um movimento social e eclesial de valorização das diferentes culturas, e da capacidade do carisma para inculturar-se e expressar-se por elas. *“O carisma é encarnado”* isto quer dizer que as Irmãs são capazes de viver o carisma, em seus respectivos contextos culturais. *“O carisma é... tornando visível nas diversas culturas e diferentes países”*, isto significa que as Irmãs encontrarão meios e maneiras para expressar o carisma de acordo com suas culturas. A internacionalidade não é algo que aparece por milagre, surgindo do nada. Ela é fruto do empenho, reflexão, discernimento e responsabilidade de muitas Filhas da Caridade que estão atentas em unir o melhor possível estes dois pólos: o carisma vicentino e a própria cultura.

Em hipótese alguma podemos pensar que a internacionalidade possa ser um perigo à unidade. A internacionalidade busca a unidade da Companhia, o que acontece é que os parâmetros mudaram: da unidade através da uniformidade de antigamente, chegou-se hoje a *“unidade no respeito às diversidades”* (C. 61). Trata-se de uma unidade cheia de cores, de tons, de riquezas. Portanto, a internacionalidade impulsiona à comunhão e à unidade. Comunhão que nasce do desejo de partilhar o carisma, de participar da mesma espiritualidade e colaborar em serviços ou projetos mais ou menos comuns. É exatamente isto o que diz a segunda parte do artigo 6 das Constituições que estamos comentando. Graças a esta partilha orientada para a unidade, as Províncias jovens aprendem a sabedoria das Províncias mais antigas, e por sua vez, estas podem beneficiar da vitalidade juvenil das mais jovens. Sem dúvida, este intercâmbio de dons enriquece a comunidade internacional e, ao mesmo tempo, contribui à unidade e à comunhão. Sabemos que nada une tanto como o partilhar a vida.

Dissemos que a internacionalidade busca a unidade, mas na diversidade. É como se dissessemos que a Companhia é uma, mas se encarna em múltiplas culturas. O que significa isto? Todos nós temos a experiência de ter participado de celebrações eucarísticas em que as pessoas cantam, dançam e seguem os costumes da Igreja local. É isto a inculturação? Na melhor das situações, poderíamos dizer se trata de uma liturgia inculturada, mas a inculturação vai mais além, toca a vida em todos os seus aspectos: a missão, a vida comunitária, a formação e o

governo. Em todos estes aspectos, a inculturação tem algo a dizer. As Constituições expressam isto, não em um ou dois artigos precisos, mas num certo número de artigos distribuídos nos diferentes capítulos. Assim, por exemplo, o número 19a diz: *“Filhas da Igreja, as Filhas da Caridade exprimem sua fé conforme sua cultura e a celebram na Liturgia”*. O Estatuto 14 completa este convite para inculturar a vida espiritual das Irmãs dizendo que *“As Filhas da Caridade promovem a devoção marial. Elas a inculturam através de meios simples tais como a Medalha Milagrosa”*. Em relação ao serviço dos pobres, há 3 artigos (C. 24c, 25c e E. 8f) que convidam a estar atentos *“às realidades socioculturais e sociopolíticas dos povos”* e a respeitar: *“as diferentes crenças e culturas”*. As indicações para servir e trabalhar de uma forma inculturada e respeitosa não podem ser mais claras. Na formação inicial e contínua, encontramos também uma referência muito interessante: A formação *“Leva em conta o caráter internacional da Companhia, as exigências da inculturação e da caminhada de cada pessoa”* (C. 53).

A internacionalidade também tem influência sobre a organização e o governo da Companhia. Isto significa que estruturas de governo tiveram que se adaptar a esta ideia da internacionalidade. Se não tivesse havido estas mudanças no governo, a internacionalidade seria apenas um ideal simples, sem frutos. Finalmente, as ideias que não se concretizam na realidade, são como aves migratórias.

Como a internacionalidade influenciou no governo da Companhia? Surgiram novas estruturas de governo e outras mudaram: por exemplo, a atual composição do Conselho geral *“exprime o caráter internacional da Companhia e mantém sua unidade”* diz o artigo 71a. Nele estão representados todos os continentes e boa parte das culturas onde a Companhia está presente. Há aproximadamente trinta anos, as Visitadoras e os Conselhos provinciais se encontram para reuniões em nível nacional, regional ou continental. Estas estruturas ajudam a manter o equilíbrio entre a unidade e o internacionalidade, entre o global e o local (cf. E. 43). Se enfatizamos excessivamente mais um aspecto em detrimento de outro, a verdadeira internacionalidade perde sua natureza. O equilíbrio proposto pelo logotipo da internacionalidade, *“a unidade na diversidade”*, é necessário. Insistir muito no que é comum anula o que é diverso, o plural; destacar exageradamente o que é diferente, acabamos eliminando a unidade.

A importância dada à subsidiariedade e os diferentes órgãos de decisão são outros exemplos que respondem bem às exigências da internacionalidade (cf. C. 31b; E. 61). Os diferentes Projetos (provincial e local), as Normas provinciais, as orientações provinciais e os planos de formação são meios reconhecidos pelas Constituições para assegurar a inculturação (cf. E. 3c, 4, 5, 62). Evidentemente, estes meios, por si mesmos, não garantem a inculturação do carisma em um determinado país, é necessário utilizá-los adequadamente.

CHAMADAS A CRESCER NA INTERNACIONALIDADE

Apesar do que podemos pensar em um primeiro momento, este tema sobre a internacionalidade interessa a todas as Filhas da Caridade. Os sociólogos nos dizem que o nosso mundo se torna cada vez mais multicultural. Se olharmos as cidades, constatamos que a fisionomia destas muda. Vê-se cada vez mais grupos culturalmente diversos. A globalização, as migrações internacionais, a mobilidade e o turismo são as principais causas disto. Certamente, há outras, mas nos interessam menos porque são, sem dúvida, causas secundárias.

O que acabamos de ver seria suficiente para compreender a realidade do tema. Não obstante, quero falar de três situações, bem diferentes entre si, mas que nos falam o quanto devemos parar para refletir sobre este tema. São situações claras que colocam em cena as Filhas da Caridade. Na primeira, trata-se daquilo que se chama as *“comunidades internacionais”*. Elas são formadas por Irmãs de dois ou vários países e culturas diferentes que convivem juntas. A

Casa Mãe é um bom exemplo disto, nela convivem Irmãs de 27 nacionalidades diferentes. Com estes exemplos, não pretendemos idealizar a internacionalidade, pois sabemos ou imaginamos as dificuldades que podem resultar de uma comunidade internacional. Mas, baseando-nos sobre vários testemunhos, podemos afirmar que a diversidade e a internacionalidade são muito mais um dom do que uma ameaça. *“Aceitemos as diferenças como uma riqueza”* diz corajosamente o Documento da última Assembleia geral⁵. A diversidade é bela se contribui para criar uma comunhão; E mais ainda, a diversidade é divina, se considero que Deus é Uno e Trino. Em todo caso, a autêntica internacionalidade não reside unicamente no fato de que várias pessoas de países diferentes estão reunidas sob o mesmo teto, não é sistemático. Esta exige um esforço, por parte de todas aquelas que formam a comunidade a fim de chegar à integração das culturas. O resultado deste esforço permite que as culturas diferentes consigam a ser complementares, as diferenças não são mais um obstáculo à vida comunitária nem ao serviço dos pobres.

A segunda situação é uma situação intercultural, encontramos-a nos países da Europa ocidental, nos Estados Unidos e em alguns países da América Latina. Nestes contextos, muitas comunidades de Filhas da Caridade entram em contato e trabalham com pobres atingidos pela globalização e as migrações. O que fazer por todas estas pessoas marcadas pela pobreza e que se encontram longe de seu país, de sua cultura e de sua família? As Filhas da Caridade atendem esta nova pobreza com obras adaptadas às suas necessidades. Talvez, a pergunta que nos interessa agora é: o que a Companhia significa para esta categoria de pessoas? Parece-me que isto supõe por parte das Comunidades e das Irmãs que estão em contato com os deslocados, migrantes ou com pessoas de outra mentalidade, que elas sejam multiculturais. Elas o serão se, em suas obras e em seus serviços concretos, respeitam as diversas culturas, se sabem dialogar com o que é diferente, se estas são o sinal que o Reino de Deus é destinado a todos, sem exceção, começando pelos mais pobres.

A terceira situação que facilita um contexto de vida internacional, encontra-se nas múltiplas Sessões organizadas na Casa Mãe: desde a Assembleia geral até as diferentes comissões, passando pelas Sessões de formação e Retiros internacionais que se realizam todos os anos. Podemos dizer o mesmo de outras Sessões de formação a nível regional ou continental, tal como são sugeridos no Estatuto 43. As Irmãs que participam pela primeira vez destas Sessões, ficam muito impressionadas pela partilha das riquezas multiculturais, a percepção das sensibilidades diferentes que se percebe entre as Irmãs de outros continentes e pelo sentido internacional da Companhia. Elas percebem também que é necessário preparar-se para conhecer atitudes e recursos novos com a variedade das culturas.

As três situações evocadas mostram que o tema da internacionalidade não é muito distante nem estranho a nossa vida. Para muitas Filhas da Caridade é uma realidade diária que elas vivem em sua comunidade ou no seu serviço, ou nos dois ao mesmo tempo. Vejamos agora duas condições necessárias para viver com uma sensibilidade internacional:

Um espírito de abertura que vai além da própria cultura.

São Vicente tinha uma mentalidade universal. Recordemos a comparação dos “caracóis”. Mas não é somente sua mentalidade que era universal, suas obras também o eram. Na Congregação da Missão, em 1631, São Vicente erigiu uma casa em Roma para facilitar todos os trâmites que devia fazer de Paris. Nesta mesma data, Vicente conseguiu implantar a Congregação na Irlanda. Em 1650, ele solicita à Sagrada Congregação de Propagação da fé (Sagrada Congregação de Propaganda Fide) das casas religiosas para enviar um grupo de missionários à Escócia, às Hébridas e Orcadas. Em 20 anos mais ou menos, alguns missionários conseguiram evangelizar todos estes territórios. A Polônia foi outro país europeu que recebeu a influência dos missionários e Vicente esteve a ponto de conseguir uma missão na Suécia. São Vicente também

fez três tentativas de fundação na Espanha, em três dioceses diferentes; apesar de seu desejo, o momento não era favorável. Em 1643, ele propôs à Santa Sé de enviar missionários à Arábia⁶, mas esta missão também não chegou a se realizar. Em 1656, ele fez algumas proposições para o Líbano, depois mais tarde, para o Brasil e o Canadá. Não obstante, nenhum de seus projetos se realizou, não sabemos as razões. Porém, em Madagáscar, foi um sucesso, apesar da aparência de missão impossível por causa das dificuldades de distância e da adaptação⁷.

Temos informações suficientes para poder concluir que Vicente tinha uma mentalidade universal e que ele trabalhou pela universalidade. Se a Companhia assumiu obras diferentes ao serviço dos pobres (escolas, hospitais, paróquias, crianças, galerianos, feridos de guerra, doentes mentais, pessoas idosas...), e se começou a expandir-se fora das fronteiras da França, graças à sua mobilidade e à sua disponibilidade. Eram poucas Filhas da Caridade, mas elas estavam disponíveis e movimentavam depressa, apesar das dificuldades dos meios de comunicação da época. Compreende-se a insistência de São Vicente sobre a disponibilidade porque a finalidade da Companhia estava em jogo que nasceu para ir lá onde estavam os pobres. Foi esta preocupação que o fez pensar em uma Companhia universal: *“É assim que deveis proceder para serdes boas Filhas da Caridade, para ir onde Deus quiser; se for para África, para África, para o exército, para as Índias, para onde vos pedirem, sois Filhas da Caridade, deveis ir para ali”*⁸.

Hoje, o espírito de abertura, a disponibilidade e a mobilidade queridas por São Vicente são sempre necessários para que a Companhia continue sendo missionária (cf. C. 25a-b) e a internacionalidade se desenvolve. Com uma sensibilidade internacional, o espírito de abertura permite vencer os preconceitos que sempre impedem descobrir os valores de outras culturas. Estamos tão impregnadas e identificadas com o que foi ou o que é nossa cultura (costumes, ideias, sensibilidade diante de certos fatos, de certas situações), que é difícil imaginar outros modos de reagir frente à nossa realidade, as quais são tão válidas quanto as nossas. Se não sabemos relativizar nosso modo de fazer ou de ver as coisas, é difícil comungar com o que é positivo de outras mentalidades. O etnocentrismo tem a tendência de privilegiar o grupo social ao qual pertence e fazer dele o único modelo de referência. Isto pode ser um obstáculo para uma verdadeira comunhão internacional. Sabemos que hoje ninguém defende conscientemente suas posições, mas no ar do tempo estas ideias podem imperar e se comunicar como por osmose e, por consequência, influenciar em nossa menor ou maior capacidade de abertura frente às outras culturas. Estando atentas às nossas resistências para acolher o melhor do outro, saberemos criar pontes e tecer uma comunhão internacional.

Em outras palavras, ter um espírito aberto neste contexto de internacionalidade significa: desenvolver uma sensibilidade cultural para acolher as diferenças como uma riqueza. Isto supõe algumas condições: perder o medo do desconhecido, relativizar seu modo de agir e de relacionar-se com os outros. Na internacionalidade, a sensibilidade cultural e a aceitação das diferenças podem ser consideradas como verdadeiras expressões de caridade, uma nova versão do mandamento bíblico do amor.

A formação abre o espírito ao verdadeiro sentido da internacionalidade.

O verdadeiro objetivo da formação é ajudar as Irmãs a crescer em sua identidade como Filhas da Caridade no mundo e na Igreja de hoje. Na formação, adquire-se a capacidade de discernir o que é essencial no carisma e o que é expressão histórica ou cultural. Na vocação, nem tudo tem a mesma importância: há nela elementos essenciais e outros relativos que podem se expressar de maneiras diferentes. Fazendo esta distinção, poderemos viver sem problema o princípio da “unidade na diversidade” do qual fala o artigo 61 das Constituições e que está no coração da verdadeira internacionalidade.

A formação torna a pessoa e a comunidade capazes de refletir e discernir, e assim, descobrir os valores e os contravalores da própria cultura e da cultura dos outros. É necessário saber discernir o se pode aceitar e o que se deve rejeitar. Ver somente os aspectos positivos de uma cultura ou somente os seus aspectos negativos não permitem compreender o verdadeiro sentido da internacionalidade. É necessário ter ponderação, equilíbrio e discernimento. Estas qualidades procedem de uma boa assimilação da espiritualidade vicentina.

Em todas as etapas da formação, inclusive a formação contínua, deve-se levar em conta, o sentido internacional de abertura às outras culturas, de saber distinguir o essencial do secundário, de entender e aceitar que o carisma pode expressar-se de modos diferentes. É o que o artigo 53 das Constituições afirma: “*A formação... leva em conta o caráter internacional da Companhia, as exigências da inculturação e da caminhada de cada pessoa*”. As Filhas da Caridade são “*cidadãs do mundo*”, embora a Providência lhes peça um serviço a nível local. Há muitas maneiras de ultrapassar as fronteiras, respeitando todas as culturas de um modo equilibrado, a começar por sua própria cultura, mas sem se deixar alienar por nenhuma.

Neste contexto de internacionalidade, podemos compreender o convite das duas últimas Assembleias gerais para aprender uma língua estrangeira. É, sem dúvida, o recurso mais importante para poder viver numa comunidade internacional, entrar em contato com outras culturas e aproveitar profundamente dos encontros internacionais.

Padre Javier ÁLVAREZ
Diretor geral

Notas

¹ Coste X p. 117 Conferência de 29 setembro de 1655 sobre a explicação das Regras comuns.

² Coste XII p. 93 Conferência de 6 de dezembro de 1658 sobre o fim da Congregação da Missão.

³ Cf. Concílio Vaticano II, Decreto Ad gentes, nº 15.

⁴ Cf. Igreja na Europa nº58-59; Igreja na América nº70.

⁵ Documento interassembleias 2009-2015, Deixemo-nos transformar pelo Espírito p. 21

⁶ Coste III p. 380 Carta de São Vicente ao Padre René Almeras, outubro de 1648.

⁷ Coste III p. 545 a 577 Carta do Padre Charles Nacqart, padre da Missão, a São Vicente em 5 de fevereiro de 1650

⁸ Coste X p. 547 Conferência de São Vicente às primeiras Irmãs sobre o fim da Companhia, 18 de outubro de 1655.

DESAFIOS ATUAIS

“Hoje, com os Fundadores”

LEMBRANÇA DOS ÚLTIMOS TRÊS ANOS

Depois de três anos, a revista inclui uma categoria intitulada “*Desafios atuais*”.

Em 2007, esta categoria teve por objetivo apresentar reflexões referentes às novas pobreza que interpelam a Companhia.

Em 2008 e 2009, ela empenhou-se em favorecer o conhecimento de serviços inovadores realizados pelas Filhas da Caridade para responder aos novos desafios de hoje, em vista de preparar o tema da Assembleia geral de 2009. Os testemunhos abaixo destacaram os avanços criativos e audaciosos, manifestando a preocupação da Companhia de estar cada vez mais próximas dos pobres, todos os pobres, em toda parte:

- *Província de Los Altos Hills* (Califórnia): Servir com criatividade e compaixão as pessoas encarceradas (Irmã Christina Maggi)
- *Província da Albânia*: O comitê internacional das Filhas da Caridade sobre o tráfico humano (Irmãs Donna Franklin e Joanne Dress)
- *Província da Índia do Norte*: A responsabilidade das jovens mulheres de origem tribal (Irmã Rosalie Palayoor)
- *Província das Filipinas*: Serviço às famílias de migrantes em seu país de origem (Irmãs Maria Teresa Mueda e Teresita Laguna)
- *Província do Vietnã*: A maneira de enfrentar a missão das Filhas da Caridade no Centro dos doentes de aids de Mai-Hoa (Irmã Tue Linh)
- *Província de Chelmno*: Missão no Cazaquistão, a pastoral da presença (As Irmãs em missão no Cazaquistão).
- *Província da Cracóvia*: Missão em Balta, Ucrânia (As Irmãs em missão em Balta)
- *Província da Austrália, Ilhas Fidji e Cook*: Oficina artística do Centro Hutt Street em Adelaide (Irmã Gwen Tamlyn)
- *Província da Áustria*: Não precisamos de homens que construam muros, mas de construtores de pontes (Irmã Roswitha Bauer)
- *Província da Sardenha*: A serviço de um dos escravos do 3º milênio (Irmã Ignazia Miscali).

PARA OS TRÊS PRÓXIMOS ANOS

Considerando o dinamismo suscitado por estas trocas de experiências através dos artigos, desejamos continuar e apoiar este impulso missionário em referência ao Documento Interassembleias 2009-2015. Além disso, durante este ano jubilar, estas partilhas serão um meio privilegiado de apresentar como São Vicente e Santa Luísa continuam bem vivos ainda hoje. A categoria “*Desafios atuais*” será mantida, mas um novo capítulo vai se abrir a fim de continuar escrevendo a história santa da Companhia e a dos pobres. Neste novo capítulo intitulado “*Hoje, com os Fundadores*”, os testemunhos provém de Províncias diferentes terão por objetivo de valorizar o ardor apostólico das Comunidades onde as Irmãs refletem juntas como responder as diversas necessidades dos pobres. Quaisquer que sejam os serviços assumidos pela Comunidade, novos ou mais tradicionais, eles requerem um compromisso pessoal, mas são sempre uma missão comunitária.

O testemunho da força do serviço dos pobres, vivido em comunidade, nos ajudará a não olhar apenas as evoluções culturais contemporâneas em termos de crise e perdas de valores, mas a descobrir também os sinais da presença de Deus agindo nelas. Esperamos que os artigos deste capítulo reflitam o espírito da C.16b:

- como o serviço nutre sua contemplação e dá sentido à sua vida comunitária,
- como a relação com Deus e a vida fraterna em comum, revigoram sem cessar o seu compromisso apostólico.

A equipe de Coordenação

DESAFIOS ATUAIS

“Hoje, com nossos Fundadores”

Província de Madagascar

Projeto de restauração de poços e implúvios na região semidesértica ao sul de Madagascar

APRESENTAÇÃO

A missão das Filhas da Caridade em Madagascar inscreve-se na bela história da Companhia na ilha grande. No dia 22 de março de 1648, São Vicente anunciou a Charles Nacquart a notícia de seu envio a Madagascar: *“E eis que o Senhor Núncio escolheu a Companhia para servir Deus na ilha de São Lourenço... E a Companhia lançou os olhos sobre você, como sobre a melhor hóstia que ela tem para fazer homenagem desta ao nosso soberano criador para prestar-lhe este serviço”*. (Coste III, 278).

Aceitando enviar dois de seus melhores Padres da Missão para acompanhar as equipes de comerciantes em suas expedições, São Vicente, inspirado pela Providência divina, via mais longe e mais amplo: ele compreendia que Deus lhes pedia que levassem a fé à nossa ilha distante.

Os primeiros missionários encontraram grandes dificuldades. Durante 25 anos, eles trabalharam, causando a admiração de Vicente de Paulo: *“Peçamos a Deus que Ele dê à Companhia este espírito, este coração, coração que nos faça ir em toda parte... e trabalhar pela conversão das nações”* (Coste XI, 291). Os Lazaristas não tardaram a desejar a vinda das Filhas da Caridade; em sua Conferência de 29 de setembro de 1655, São Vicente apresentava este pedido: *“Em Madagascar, os nossos padres pedem que lhes enviemos Filhas da Caridade, a fim de ajudarem a atrair as almas.... Eis a razão porque vos deveis dispor a isto. Há quatro mil e quinhentas léguas, e é preciso seis meses para as percorrer. Minhas Irmãs, digo isto para mostrar os desígnios que Deus tem sobre vós. Disponde-vos pois, minhas Filhas, e entregai-vos a Nosso Senhor para irdes onde Lhe aprouver”* (Conf. p. 540).

Santa Luísa de Marillac e as primeiras Irmãs, animadas por este mesmo espírito missionário, entusiasmavam-se com a partida dos Lazaristas a Madagascar: *“A maioria de nossas Irmãs, escrevia ela, desejaria que não se fizesse o embarque para Madagascar sem elas”* (Escrito, 581).

Mas foi somente no dia 7 de abril de 1897, que as primeiras quatro Filhas da Caridade chegaram a Fort Dauphin, no sul da ilha, acompanhadas de quatro jovens. Elas foram precedidas pelos Lazaristas aos quais a responsabilidade do Vicariato apostólico tinha sido confiada.

Estas Irmãs conheciam bem as recomendações que São Vicente tinha dirigido ao Padre Nacquart: *“É necessário uma fé tão grande como a de Abraão; a caridade de São Paulo está em grande necessidade: o zelo, a atenção paciente, a pobreza, a solicitude, a discreção, a integridade de costumes e o grande desejo de vos consumirdes inteiramente por Deus vos são tão convenientes quanto ao grande Santo Francisco Xavier”* (Coste III, 279). É com tais “armas” que elas se doaram nos diferentes serviços *“servindo os pobres corporal e espiritualmente”* (Coste IX, 593). O Espírito estava nelas e agia através delas. Estas primeiras Irmãs fizeram nascer a Companhia em Madagascar. Muitas outras seguiram!

Hoje, na Província, nós continuamos a obra de humanização e evangelização empreendida por nossas promogêntas. Que o Espírito Santo possa nos dar sua fé audaciosa para irmos aos pobres, que esperam uma resposta de amor, como o parálítico que esperava por ajuda

diante da piscina de Bethesda (Jo 5, 1-18). Que o Espírito também nos conceda sua generosidade inventiva para ser, junto dos mais necessitados”, “*seu anjo da guarda visível, seu pai e mãe...*” animado pelo desejo de “*torná-los amigos de Deus*”. (Coste IX, 6 e 21).

Na perspectiva do Jubileu do 350º aniversário da morte dos Fundadores, temos a alegria de partilhar nossa vivência missionária na região de Tsihombe, ao sul de Madagascar. São Vicente não é desconhecido no sul de Madagáscar, visto que, os primeiros missionários foram implantados principalmente nesta parte da ilha.

Esta região, situada na Província de Tuléar ao sul de Madagascar, faz parte da diocese de Fort-Dauphin a 250km desta cidade. Sua superfície é de 2.849km² com 116.238 habitantes. A população vive principalmente da agricultura e da criação de bovinos e cabras. É uma região *semidesértica* que sofre frequentemente os efeitos da seca, considerada sempre como uma fatalidade nesta parte da ilha. *Desde sempre, o acesso à água, tanto em qualidade como em quantidade, é extremamente difícil e isto gera escassez crônicas.*

NOSSA MISSÃO

Em 1944, uma grande escassez se assolou nesta região e o administrador francês de uma concessão de sisal chamou as Filhas da Caridade para virem em socorro desta população sofrida. Os habitantes desta região, excluída e abandonada são depois de muito tempo, vítimas da indiferença das autoridades e distantes da capital e, conseqüentemente, dos centros de decisão, o que acentua ainda mais seu isolamento e sua pobreza. Contudo, apesar dos desastres naturais e do abandono das autoridades, eles sempre demonstram uma grande resistência e tenaz perseverança, prontos a enfrentar as situações difíceis. Na esperança de ter uma boa colheita, eles semeiam 5 ou 6 vezes durante o ano assim que chove. Eles nos fazem pensar nas palavras de São Vicente: “*É entre esses pobres que se conserva a verdadeira religião, uma fé viva: eles crêem simplesmente, sem vacilar; submissão às ordens; paciência nas misérias a sofrer, tanto quanto aprouver a Deus, uns por causa das guerras, outros a trabalhar o dia todo ao ardor do sol...*” (Coste, XI, 200).

Desde 1970, as Filhas da Caridade foram implantadas no Distrito de Tsihombe, para pôr em prática, o carisma vicentino.

Hoje, nossa comunidade é formada por 7 Irmãs. Nós asseguramos diferentes serviços no campo pastoral e socioeducativo, tanto em savana quanto na cidade. Com a preocupação constante de promover a pessoa, em todas as dimensões de seu ser, tentamos responder as necessidades humanas e espirituais das pessoas e dos grupos, à luz do Evangelho de Mt 25, buscamos “*tocar os corações*” cuidando do corpo (Coste X, 336).

Em toda parte e cada vez que trabalhamos com os camponeses no momento da visita a domicílio ou das excursões em Brousse, escutamos sempre o mesmo grito e apelo: “vonjeo !!! fa marandrano izahay, kere izahay”, isto é: “SOS!!! Estamos morrendo de sede, temos fome!” Com efeito, a água é um elemento de sua luta diária para viver, assim como o pedaço de pão, ou a tigela de arroz. Resolver o problema da água, é resolver, em parte, o da fome. Ora, as últimas tentativas do governo sobre este assunto datam de 1903.

Depois da chegada das Irmãs a Madagascar, descobrimos muitos problemas causados pela falta de água. Os adultos devem, às vezes, percorrer mais de 20 km a pé para buscar água, e para transportá-la, eles não têm outra possibilidade senão a carroça ou, pior ainda, um balde que deve ser carregado na cabeça. As crianças não podem frequentar a escola porque devem ajudar seus pais a transportar água.

Os missionários começaram seu serviço, ajudando a população a perfurar alguns poços e construir implúvios ou cisternas em alguns lugares onde se pode encontrar a água potável. No entanto, a existência destes poços e destes implúvios (bacias côncavas para reservar água da chuva) não resolvia o problema de provisão de água, visto que, elas só são operacionais quando chove. Por isso, o problema continua. Durante um certo tempo, para responder esta necessidade vital, as Irmãs tinham assumido o compromisso de fornecer regularmente água aos camponeses. Elas compravam água e transportavam para abastecer as cisternas. Mas não era suficiente e custava caro. Era, pois, necessário encontrar outras soluções adequadas e duradouras, a fim de que, os camponeses tivessem acesso à água de maneira permanente, sobretudo durante o período da seca. Para a nossa Comunidade, foi um apelo forte a enfrentar o desafio desta pobreza permanente, que acorrentava toda esta população. Juntos, fizemos uma longa reflexão. Estávamos bem conscientes de que, em geral, a decisão de buscar novos caminhos não pode ser imposta do alto ou do exterior. Então, tentamos descobrir com a Província, como ajudar os camponeses a se tornarem mais autônomos nesta coleta de água, tornando-se assim, promotores de seu próprio desenvolvimento.

A primeira etapa para uma mudança profunda foi a de orientá-los neste sentido, graças a uma **campanha de sensibilização**. Este aqui foi animado pelo assistente social de Irmã.

Em seguida, tentamos descobrir juntos, os **atores locais** e mobilizá-los, a fim de encontrar uma solução duradoura a este crucial problema de água.

Começamos nossa atividade em sete regiões diferentes; com o apoio de pessoas “recursos” de cada região, os **trabalhos de restauração** foram realizados.

Em seguida, organizamos um **comitê administrativo**, para cuidar da provisão regular de água. Os camponeses entusiasmados tomaram a iniciativa de administrar, eles próprios, o reservatório de água. Eles se empenharam para melhorar o sistema de funcionamento.

Este novo modo de agir marcou uma etapa importante na liberação dos camponeses: isto permitiu-lhes confiar em suas capacidades e despertar neles o desejo de ir em frente. Pouco a pouco, nasceu uma nova forma de proximidade entre os camponeses e as Irmãs da Comunidade. Nas reuniões, as pessoas tomaram mais facilmente a palavra e expressaram outras necessidades. Na realidade, a falta de água se tornou reveladora de um problema mais importante: o problema de certas práticas tradicionais que são um obstáculo à cultura e à criação. Assim, a partir deste projeto de restauração e perfurações de poços, surgiram outras atividades de desenvolvimento.

Habitantes de várias povoações se reuniram. Eles analisaram sua situação de pobreza e descobriram que esta, estava ligada à sua concepção tradicional de criação de cabras e zebus. Com efeito, os animais eram abatidos, não para assegurar a subsistência dos camponeses, mas para honrar os falecidos. De acordo com o prestígio do falecido, um número mais ou menos importante de animais eram abatidos, e suas cabeças colocadas sobre o túmulo do falecido.

Depois de uma longa reflexão, os camponeses perceberam que eles nunca sairiam de sua situação difícil, se continuassem dedicando sua produção, exclusivamente à celebração de funerais. Pouco a pouco, o olhar deles mudou; descobriram que outra concepção de produção podia melhorar seu padrão de vida.

Do mesmo modo, aconteceu em relação à agricultura, várias famílias se lançaram na horticultura cuja prática não existia até o momento. Elas mostraram sua capacidade de inovar, tendo a coragem de ultrapassar as resistências à mudança. Além disso, os camponeses tomaram

consciência de que não era suficiente criar gado e cultivar terras, precisariam também, melhorar o seu poder aquisitivo. Com esta finalidade, algumas famílias começaram a administrar seus bens, ovelhas e cabras, através de um sistema de economia: a necessidade de ter uma economia para não ser obrigado a vender sem rendimento, porque em período de seca, uma ovelha não vale nem mesmo um quilo de arroz.

Uma observação se impõe. Enfrentar este desafio: ajudar os camponeses a serem mais ativos nesta busca de água e a se tornarem promotores de seu próprio desenvolvimento, não foi fácil. Foi e é ainda necessário, fazer um esforço constante, analisar a situação constantemente, trabalhar em sinergia com as forças vivas locais, ousar inovar e, sobretudo, velar sempre pela participação efetiva dos camponeses.

NOSSAS CONVICÇÕES

Acreditamos que, devido a complexidade do contexto nacional e internacional no qual vivemos, notadamente a instabilidade sociopolítica, as catástrofes naturais e a crise financeira, nossa força individual é incapaz de afastar a miséria. Mas, acreditamos que Deus ouve o grito dos pobres e que Ele conta conosco e nos envia a eles: *“Deus de toda a eternidade vos tinha escolhido e predestinado para isso. Ó meu Deus! Como isto nos impele! Desde toda a eternidade ele tinha os desígnios, de vos empregar no serviço dos pobres! Que felicidade, minhas Filhas, e como a consideração desta disposição eterna de Deus sobre vós, vos deve obrigar a serdes, reconhecidas pela escolha que se dignou fazer de vós! Oh! Pensai muito nisto minhas Filhas”* (Coste IX, 164).

Creemos que o Espírito de Deus age no coração dos pobres, no coração daqueles que amam os pobres e nos nossos. Acreditamos nele e afirmamos: só o Espírito pode fazer germinar no coração destes camponeses o desejo de sair de sua letargia e ir adiante, sem se deixar abater pelas hesitações e o medo dos espíritos dos antepassados, diante desta mudança do costume de seus ancestrais. Os pobres nos revelam nossos próprios medos e feridas escondidas, bem como nossos dons e riquezas. Juntos, impelidos pela força do Espírito, respondemos o chamado de Jesus: *“Levanta-te e anda”* (Jo 5, 1-18).

Acreditamos que ser testemunha da Caridade de Cristo através de nosso serviço, em proximidade com os pobres e famintos, é uma chave indispensável à compreensão do Evangelho e ao seu acolhimento. De acordo com a concepção malgaxe, a água representa a vida: ela purifica, alimenta. É também um símbolo de paz e de reconciliação. Portanto, para estes camponeses, mesmo não sendo cristãos, este projeto de restauração de poços é um sinal da passagem de Deus em sua região. É o próprio cerne de nossa vocação. Podemos fazer nossa a instrução de São Vicente às quatro Irmãs enviadas à Metz: *“Ides, pois, para dardes a conhecer a todos, católicos, heréticos e até mesmo judeus, a bondade de Deus; porque, quando verem que Deus tem tanto cuidado com as suas criaturas, a ponto de criar uma Companhia de pessoas que se consagram ao serviço dos pobres, o que não sucede nas outras religiões, serão forçados a confessar que Deus é um bom Pai”*. (Coste X, 813ss).

Esta realidade nos estimula igualmente a sermos criativas e nos faz viver na alegria, e esperança. Alegria que alimenta a nossa relação com Deus, e nos convida a apresentar as intenções daqueles aos quais servimos durante as nossas humildes orações pessoais e comunitárias.

CONCLUSÃO

Neste ano jubilar da morte de nossos fundadores, a abordagem que utilizamos nos recorda os métodos pedagógicos de São Vicente e de Santa Luísa, sempre buscando a educação e a promoção humana e espiritual dos pobres. *“É bom que logo cedo, as crianças pobres aprendam uma profissão; e é o bem que deveis obter aos de Sedan, orientando os seus pais a colocá-los em algum ofício”*. (Coste V, 590). *“Desde que alguém tenha forças suficientes para trabalhar, compramos-lhe algumas ferramentas de acordo com sua profissão e não lhe damos mais nada”*. (Coste IV, 183). Seus ensinamentos e sua pedagogia continuam atuais. Cabe a nós guardar sempre na memória estas recomendações.

Estamos conscientes que os resultados esperados estão longe de serem definitivamente alcançados, trabalhar pelo desenvolvimento integral da humanidade é um processo a longo prazo, mas a continuidade e o fato de fazer com que os camponeses se tornem responsáveis pela concretização deste projeto, de uma maneira progressiva, é um bom indicador de nossa maneira de trabalhar. Antes, a administração de água estava sob a responsabilidade das Filhas da Caridade, mas atualmente, são os camponeses que administram o funcionamento deste projeto com o objetivo de torná-lo viável e duradouro.

Tentamos seguir os passos de São Vicente e de Santa Luísa com a preocupação de fazer com que o outro cresça em todas as dimensões do seu ser, para obter um serviço de qualidade e na linha de um verdadeiro projeto sistêmico. Que Maria, Única Mãe da Companhia, nos ajude a ser sempre mais profetas, capazes de audácia e portadoras de esperança. Assim, faremos parte daquelas que têm a felicidade de poder *“dar alegria ao nosso Criador servindo seus membros”* (Coste IX, 471).

Irmã Madeleine Haovaso
Filha da Caridade

ATUALIDADES DAS PROVÍNCIAS

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Celebração do 40º aniversário da presença das Filhas da Caridade na Tailândia

O dia 29 de agosto de 2009, dia de celebração para as Filhas da Caridade, marcava os quarenta anos da presença delas na Tailândia. O tema escolhido para esta celebração foi: “Um caminho profético na ação de graças”.

A MISSÃO DAS FILHAS DA CARIDADE NA TAILÂNDIA EM SUAS ORIGENS

No dia 27 de agosto de 1969, em Manilha, a Visitadora da Província das Filipinas, Irmã Filomena Zulueta, reuniu-se com as Irmãs da Província das Filipinas e as Irmãs do Seminário, no Colégio Concórdia, para dizer adeus às quatro Irmãs preparadas para partir em missão na

Tailândia: Irmã Mary Loretto Kerney e Irmã Lorraine Valentin da Província do Centro Oeste dos Estados Unidos e Irmã Maria Delia Rubica e Irmã Mercedes Dagoob, da Província das Filipinas. Foi uma resposta ao pedido de Dom Clarence Duhart, Bispo da diocese de Udon Thani (Tailândia) pedindo Filhas da Caridade para cuidar dos leprosos (doentes de Hansen) neste país predominantemente budista (menos de 1% de católicos). Desde o início, esta fundação na Tailândia depende da Província das Filipinas. As duas Irmãs americanas têm a responsabilidade de iniciar este serviço e formar as duas Irmãs filipinas para o tratamento dos leprosos. Elas voltarão à sua Província três anos mais tarde.

Em 40 anos, a missão se desenvolveu. Hoje, a Província da Tailândia é formada por 13 casas, presentes em 3 países (Tailândia, Laos, Camboja) ou seja em 10 dioceses. No início, unicamente ao serviço dos leprosos, mas doravante, as Irmãs cuidam não só das pessoas soropositivas e portadores da aids mas também das pessoas idosas e das mais necessitadas. Em colaboração com a Igreja e o governo, elas fazem uso de programas de reabilitação para os leprosos e suas famílias, projetos em favor das mulheres para desenvolver sua autonomia (atividades remuneradas, micro créditos, formação sobre seus direitos). Existem também, outros programas para pessoas soropositivas e suas famílias, bem como, para a alfabetização das crianças e o serviço aos refugiados e aos migrantes.

DESENVOLVIMENTO DA CELEBRAÇÃO DO 40º ANIVERSÁRIO

No dia 27 de agosto de 2008, durante a Eucaristia presidida pelo Padre Benito Enano, cm, subdiretor foi feita a abertura do ano da celebração. Naquela época, a Tailândia ainda era Região. Na assistência estava Irmã Josefina Estemera, Visitadora das Filipinas com as Irmãs de sua Província e alguns Lazaristas filipinos. Durante a cerimônia, foram plantadas três árvores, para simbolizar os três países que constituem a Província da Tailândia atualmente.

No dia 29 de agosto de 2009, foi o encerramento do ano de celebração com uma Eucaristia presidida pelo Bispo, Dom George Phimpisan e Dom Banchong Chiayara, Redentoristas, e 14 que concelebrantes. No início da Eucaristia, treze sementes representando as treze comunidades da Província da Tailândia foram bentas e distribuídas às Irmãs Serventes para que elas as colocassem na terra. As Irmãs das Províncias das Filipinas, do Japão, Vietnã e da Índia (Norte e Sul) estavam presentes juntamente com outras congregações, os pobres que as Irmãs servem, os colaboradores e os membros da Família Vicentina (SSVP, AMM, AIC,).

Em seu discurso de encerramento, Irmã Josefina Estemera, Visitadora da Tailândia, expressou sua gratidão para com os pobres, os benfeitores, funcionários e parentes das Irmãs. Em seguida, Dom Banchong Chiayara recordou a visita de seu predecessor em 1969, convidando as Filhas da Caridade a virem para a Tailândia. Em seguida, evocou sua colaboração com as Irmãs no serviço que realizam junto aos leprosos e às crianças deficientes. A seguir, agradeceu o pessoal leigo pela fidelidade nos serviços prestados há mais de 20 anos.

Para expressar sua gratidão às Irmãs, os leprosos (que beneficiaram do serviço das Irmãs desde os primeiros anos) e seus familiares ofereceram uma refeição. Alguns de seus filhos vieram até do exterior para esta ocasião. A sala prevista para 700 pessoas estava cheia e cada um apreciou a refeição e a música que a acompanhava. Após o jantar, eles apresentaram um PowerPoint. Podíamos ver nele fotografias das primeiras obras das Irmãs que estas famílias tinham guardado durante todos estes anos. Elas apresentaram testemunhos comoventes que tinham vivido com as Irmãs. Para completar esta noite, cantaram uma música que tinham composto para o 40º aniversário:

“A Filha da Caridade,

*Vem de muito longe. Vai por todos os lugares.
Lá onde estão os pobres, lá está ela.
Às pessoas mal acolhidas, portadoras de deficiência,
Aos leprosos que ninguém cuida, ao idoso sem abrigo,
Ela leva o seu apoio e alivia as suas penas.
“O que fizestes aos outros, é a mim que o fizestes”.
Tal é a Palavra de Deus que nos chama a servir os outros.
Ninguém compreende o que ela sente no mais profundo do seu coração
Ela se entrega a Deus com um coração humilde e simples.
É uma grande senhora que nós conhecemos.
É encantadora e tão meiga.
Ela cria laços de amizade e nos tornamos amigos.
Trabalha com paciência.
Veneramo-la como nosso “anjo”, como a “mãe dos pobres”.
Que a graça de Deus, nosso Pai, desça sobre ela e a conserve feliz.
É o amor que nosso Deus deixa a cada um de nós.
Nada pode substituir o que sentimos por ela.
Toda vez que nós nos lembramos das boas ações
que teve para conosco,
Não podemos deixar de dar graças a Deus
por nos tê-la dado.
É uma Filha da Caridade”.*

*Irmã Eloisa NADRES
Filha da Caridade*

VISITA DOS SUPERIORES

Província de Cracóvia

Celebração dos 150 anos de existência da Casa Provincial de Cracóvia.

De 22 a 24 de novembro de 2009, a Província de Cracóvia celebrou o aniversário dos 150 anos da mudança da Casa Provincial de Lvov para Cracóvia. Irmã Evelyne Franc, Superiora geral e Irmã Zofia Daniscakova, Conselheira geral, foram convidadas a participar deste evento em Cracóvia.

Domingo, 22 de novembro: à tarde, Irmã Evelyne reuniu-se com os numerosos representantes da Família Vicentina da Província de Cracóvia. Os membros da AIC, SSVP, AMM, JMV apresentaram sua vida e engajamento no serviço dos pobres. Um grupo de jovens da JMV fez uma representação evangélica na qual mostraram os perigos que ameaçam os jovens de hoje, e a força libertadora do amor de Jesus. Notre Mère expressou sua alegria de ter participado deste encontro, e incentiva os participantes a viverem o espírito vicentino, continuando sua formação neste sentido. Irmã Evelyne engaja-se em partilhar com outros jovens do mundo, a mensagem que eles lhe transmitiram: de estar sempre unido ao Coração de Maria e irradiar a alegria de Deus.

Segunda-feira, 23 de novembro, dia rico em encontros e celebrações. Pela manhã, Irmã Anna Brzek, Visitadora, contou a história da Província através de um PowerPoint. A primeira Província polonesa das Filhas da Caridade nasceu em 1783 na Galícia, a Casa Principal ficava em Lvov. Naquele tempo, a Polônia passava por um período muito difícil de sua história: estando ocupada pelos países vizinhos. Os Superiores gerais, o Padre Etienne e Mère Devos, constataram a ausência de Padres da Missão em Lvov, o que torna difícil a situação desta Casa principal, e decidiram transferi-la para Cracóvia. Era em 1859 e o bispo de Cracóvia, Dom Ludwik Letowski, que tinha uma grande preocupação com os pobres e, sobretudo com as crianças abandonadas, ajudou na realização deste projeto. Enviada pelos Superiores gerais, Irmã Marie Talbot, se torna a primeira Visitadora desta Província. Em sua apresentação, Irmã Anna, evocou também, as Irmãs mártires no tempo das guerras e do comunismo, em seguida, apresentou a vida e os atuais serviços da Província.

Depois da pausa, a celebração de ação de graças foi realizada na cripta da Capela, onde repousa o corpo de Dom Ludwik Letowski fundador da Casa Provincial de Cracóvia. O Padre Marcin, diretor da Província, evocou os traços característicos deste bispo, sobretudo, o seu amor pelos pobres. Em seguida, Nossa Superiora geral visitou a Sala de Lembranças, onde foi instalada uma exposição histórica especialmente para esta ocasião do 150º aniversário. À tarde, Notre Mère se reuniu com várias Filhas da Caridade vindas de toda a Província. Antes, através de uma apresentação PowerPoint, as Irmãs percorreram todos os continentes onde as Irmãs vivem, rezam e servem. Durante sua intervenção, Irmã Evelyne incentivou as Irmãs a meditarem e a viverem os compromissos transmitidos pela última Assembleia geral: a deixar-se transformar pelo Espírito. Ela destaca a importância da vida de oração e da disponibilidade aos apelos dos pobres e da Companhia. Sua intervenção foi seguida de um diálogo espontâneo. A Eucaristia, presidida pelo Padre Zakreta, Visitador dos Lazaristas, foi um tempo forte de ação de graças por este dia.

Terça feira, 24 de novembro, dia dedicado à reunião dos três Conselhos provinciais da Polônia com Notre Mère. À tarde, Irmã Evelyne visitou as Irmãs idosas as quais lhe apresentaram uma cena teatral, representando o envio das primeiras Irmãs à Polônia por Santa Luísa, e sua missão neste país. Foi um momento de muita alegria e a emoção. À noite, nos despedimos de Nossa Superiora geral, Irmã Evelyne e de Irmã Zofia, agradecendo-lhes por este tempo vivido e celebrado juntas. Irmã Evelyne agradeceu a qualidade da celebração deste jubileu, prometendo colocar, todas as intenções da Província, nas mãos de Nossa Senhora da Rua do Bac.

Esperamos que este jubileu produza frutos para o futuro de nossa Província e da Companhia.

Irmãs Anna BRZEK
Filha da Caridade

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província da Cracóvia

A Cruz entregue pelo Comandante de Ordem
do renascimento da Polônia
à Irmã Zofia Izabela Luszczkiewicz

No dia 9 de dezembro de 2009, no palácio presidencial, realizou-se uma cerimônia na qual Irmã Zofia Izabela recebeu o título póstumo, a Cruz entregue pelo Comandante de Ordem do Renascimento da Polônia. Após a conferência: “Os homens incansáveis da Igreja”, o Padre Jozef Marecki, professor, apresentou a vida de Irmã Zofia Izabela Luszczykiewicz.

Quem é Irmã Zofia Izabela Luszczykiewicz?

Zofia Izabela Łuszczykiewicz nasceu em 1898 em Cracóvia, numa família de intelectuais que tinha boas relações com a Universidade Jagellon. Em 1923, entrou na Companhia das Filhas da Caridade. Irmã Zofia Izabela foi enviada ao hospital geral em Lvov, primeiramente como enfermeira, depois como diretora da Escola de Enfermagem, anexa ao hospital. Ela ensina as disciplinas profissionais e deseja manter um alto nível para a Escola, está sempre em contato com a Escola de enfermagem de Paris para tomar conhecimento das novas técnicas médicas, que depois transmitia aos alunos da Escola de Lvov.

Convicta de que Deus pode ser servido de diferentes maneiras, ela é muito talentosa em muitos aspectos: música, conhecimento de vários idiomas, fotografia, dirige carros e até caminhões. Apesar de tudo isso, continua modesta. Entre suas Irmãs, é serviçal, cordial e alegre.

Durante a primavera de 1939, Irmã Zofia Izabela fez um estágio no hospital, em Nova Iorque. Lá, na embaixada polonesa, ela tomou conhecimento da ameaça da segunda guerra mundial. Ela reduziu o seu estágio, voltou a Lvov em agosto e retomou o seu serviço. Em 1939, procurada pelo NKVD (Comissariado do povo para as Relações exteriores da URSS), foi obrigada a deixar Lvov. Vestida como serva e documentos falsificados, ela chegou em Cracóvia. Em seguida, foi enviada à Zebrzydowice, onde engajou-se em ajudar a população na luta pela independência. Cuidou dos pobres e doentes, inclusive dos soldados feridos, adquirindo os medicamentos que lhes eram necessários. Participou ativamente, para liberar o povo de origem judaica. Pessoalmente, ela conseguiu livrar 5 pessoas da morte. Educada ao patriotismo por sua família e pela escola, entrou em contato com o Movimento Clandestino de Resistência: trabalhou no rádio, preparou jornais clandestinos para a população. Recebia os pacotes lançados pelos aviões de Londres, cheios de medicamentos, instrumentos cirúrgicos e curativos destinados às Unidades da AK (Armada Nacional). Seu conhecimento do idioma alemão facilitou as negociações com os alemães, defendendo os poloneses da deportação para trabalhos forçados na Alemanha. Nos últimos anos da ocupação, ela estava a serviço do hospital de Rzeszow. Lá, em colaboração com médicos de confiança, ela ajudou os partidários a fugirem do hospital.

Depois da guerra, ela foi colocada em Cracóvia por um curto período. Em seguida, em maio de 1947, voltou à Zebrzydowice, onde cuidou dos doentes do exílio e dos campos de prisioneiros, distribuindo os dons enviados pela ONU. Durante este ano, um militante político, Adão Doboszynski, seu amigo de infância, voltou para a Polônia ilegalmente. Irmã Zofia Izabela o socorre e, durante quatro semanas, hospedou-o em Zebrzydowice. Pouco depois de sua partida, foi preso pela Polícia política comunista (UB); torturado, ele confessou que Zofia Izabela o ajudou. Ela é, imediatamente, pega pela UB. Em 27 de agosto de 1948, foi intimada e colocada na prisão em Wadowice por atividade contra o Estado comunista. Durante muito tempo, o lugar de sua prisão ficou desconhecido. Depois de dois anos de prisão preventiva e torturas, ela foi condenada à pena de morte. Pouco tempo depois, esta pena foi mudada para 15 anos de prisão. Então, ela ficou encarcerada em Cracóvia, em seguida, Varsóvia Mokotow por dois anos, depois foi transferida para Inowroclaw (chamado Auschwitz polonês) onde ficou 4 anos. Apesar das torturas, ela permaneceu inabalável até o fim.

Na prisão de Mokotow, proibiram-lhe qualquer prática religiosa. Foi um sofrimento a mais para ela. Foi somente em Inowroclaw que ela recebeu a permissão de ter um rosário e um livro de oração. Um dos prisioneiros escreveu em seu memorial: *“Ela rezava o terço conosco diariamente e pedia por todos aqueles que estavam perdidos na Polônia “livre”. (...) Estive seis semanas com ela e muito beneficiei”*.

Depois de 8 anos de prisão, Irmã Zofia Izabela ficou gravemente doente: câncer e tuberculose óssea. Em 1956, ela obteve seis meses de férias. Graças aos esforços de seus familiares, ela foi libertada no final de dezembro de 1956. Ela foi tratada no hospital de Wroclaw. Lá, ela escreveu um breve relato, porém muito emocionante sobre suas provações vividas no encarceramento, descrevendo o método usado nos interrogatórios: *“Era sempre torturada e devia permanecer de pé, exceto nos momentos que me obrigavam a agachar-me 2.000 vezes seguidas sem parar, com os braços estendidos. Durante 14 dias e 14 noites, tive que ficar de pé no frio glacial, pés descalços sobre o concreto e, só de camisola sob uma janela cujas vidraças tinham sido tiradas. Além disso, jogavam em mim, baldes de água fria. Depois de 14 dias de pé desta maneira (porque nem sequer para comer, me permitiam sentar), fiquei toda inchada. Perdi a consciência e, finalmente, acordei no hospital da prisão”*. No hospital de Wroclaw, Irmã Zofia Izabela sofreu várias intervenções cirúrgicas, mas em vão. Não conseguimos salvá-la. Ela morreu na Casa provincial de Cracóvia, no dia 8 de agosto de 1957. Seu corpo repousa no jazigo das Filhas da Caridade, no cemitério de Rakowice.

Irmã Zofia Izabela viveu o carisma da Companhia servindo os pobres durante este período difícil. Ela deu provas de uma grande coragem, a ponto de se expor ao risco. Uma Irmã partilhou conosco a lembrança que ela tem de Irmã Zofia Izabela *“Diariamente, muitas pessoas de Zebrzydowice, Kalwaria, vinham da floresta durante a noite, procurar por Zofia Izabela, para pedir um auxílio ou medicamentos para adultos. Quando as pessoas nasciam, estavam em dificuldades e morriam, vinham chamá-la. Ela nunca recusou socorro a ninguém”*.

Irmãs Anna BRZEK
Filha da Caridade

Elaborado com base nos documentos de arquivos da Casa Provincial das Filhas da Caridade de Cracóvia.

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província da Áustria

Abertura do ano jubilar do 350º aniversário da morte dos Fundadores

No dia 23 de setembro de 2009, as Filhas da Caridade da Província da Áustria, acolheram o Superior geral em Salzburg e em Graz, por ocasião de sua visita aos seus irmãos Lazaristas.

No dia 26 de setembro de 2009, na Capela da Casa provincial de Graz, foi realizada a abertura do ano jubilar com a celebração da Eucaristia presidida pelo Padre Grégory, o Padre Claudio, Secretario geral da Congregação da Missão e muitos outros Lazaristas. O Padre Eugen Schindler, Visitador, traduzia para nós as palavras do Superior geral. O Padre Grégory destacou que o ano jubilar não era somente a comemoração de nossos Santos Fundadores, mas também a de todas as pessoas que, a seu exemplo, viveram de seu espírito e serviram os pobres. Ele evocou

o exemplo de um missionário, o Padre Niko van Kleef. Este padre partiu com entusiasmo para a missão. Infelizmente, um acidente o deixou paraplégico e ele teve que voltar ao seu país natal, os Países Baixos. Mas, o Padre Niko sentia que sua vocação era de ser missionário. Apesar desta deficiência, ele retomou o caminho para o Panamá. Lá, em cadeira de rodas, anunciava a Boa Notícia. Este missionário, particularmente pacífico, sofreu uma morte violenta. Durante este relato, sentíamos o quanto o Padre Grégory ficou comovido com a vida deste coirmão. Em seguida, ele apreciou a decoração da sala, particularmente o grande coração feito com folhagens e flores, no qual estavam fixos os dois quadros representando São Vicente e Santa Luísa. Referindo-se à decoração, ele falou com ardor de sua obra comum. Em seguida, evocando a beleza dos cânticos das Irmãs, ele diz que, na sua opinião, cantar é uma possibilidade de se aproximar do Céu.

Em seguida, através de um PowerPoint, foram apresentadas todas as obras da Província da Áustria. Impressionado pelo número de serviços assumidos pelas Irmãs, o Padre Grégory chamou a nossa atenção, sobretudo em relação a manter o equilíbrio entre trabalho, oração e vida comunitária e desataca a importância da colaboração entre os diferentes membros da Família Vicentina, em vista de um serviço dos pobres mais eficaz ainda. Finalmente, o Superior geral visitou as Irmãs da enfermaria e celebrou a Eucaristia para elas.

O dia 27 de setembro de 2009, festa de São Vicente de Paulo coincidiu com o 70º aniversário da paróquia de Nossa Senhora das Dores, confiada aos Lazaristas. A Eucaristia presidida pelo Padre Grégory foi animada pelo coral das Filhas da Caridade. Depois da Missa, uma festa paroquial ao ar livre nos reuniu todos sob um sol brilhante. Acompanhado pelo Vigário, o Superior geral passou, de mesa em mesa, cumprimentando cada participante.

Ficamos impressionados com a simplicidade, a cordialidade cheia de humor de nosso Superior geral. Guardamos na lembrança, o seu entusiasmo pelo serviço vicentino. Estas últimas horas passadas juntos, foram um grande encorajamento, a continuar com amor nosso caminho no dia a dia.

A Comunidade de Formação

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Casa Mãe

Encontro do DREAM

“Realizemos um sonho”

A convite de Irmã Evelyne Franc, Superiora geral, foi realizado na Casa Mãe de 18 a 22 de janeiro de 2010, um encontro com as Filhas da Caridade que trabalham nos Centros DREAM e os membros da Comunidade Sant'Egidio que colaboram com elas.

“Realizemos um sonho...” estas poucas palavras foram ditas pelas Filhas da Caridade dos Camarões, da República Democrática do Congo, Quênia, Moçambique, Nigéria e da Tanzânia que participaram deste encontro. Estavam presentes os membros da Comunidade Sant'Egidio, o Padre Robert Maloney, cm, coordenador do DREAM, a equipe DREAM constituída por duas

Filhas da Caridade (Irmã Catherine Mulligan e Irmã Jacqueline Gbango). Irmã Felicia Mazzola e Senhora Theresa McFarland do IPS (Serviço de Projetos Internacionais das Filhas da Caridade) também participaram deste encontro, bem como, Irmã Evelyne e as Irmãs do Conselho geral.

Este encontro deu às Filhas da Caridade que trabalham nos Centros DREAM, a ocasião de se reunirem com os membros da Comunidade de Sant'Egidio, apresentar através de PowerPoint seus respectivos Centros e discutir sobre os êxitos e os desafios do funcionamento de seus Centros DREAM. Cada apresentação foi precedida de uma oração cheia de criatividade proposta pelas Irmãs vindas do país concernente. DREAM, sigla em inglês que significa “Melhoria dos Recursos em Medicamentos para lutar contra a Aids e a Desnutrição” é um programa criado pela Comunidade de Sant'Egidio para lutar contra a Aids na África subsaariana. O primeiro Centro DREAM foi criado no Moçambique em 2002. O projeto põe em prática uma abordagem holística, que combina uma terapia antiretroviral e um tratamento contra a desnutrição, a tuberculose, a malária e as doenças sexualmente transmissíveis.

Além dos cinco Centros DREAM patrocinados e administrados pelas Filhas da Caridade na África, a Comunidade de Sant'Egidio patrocina e dirige Centros DREAM na República da Guiné, Guiné Bissau, Angola, Malawi, Tanzânia e no Leste do Quênia. Atualmente, existe 31 Centros DREAM em 10 países da África. Estima-se a 80. 000 o número de pacientes em tratamento, 47. 000 destes seguem uma terapia antiretroviral, dos quais 4.500 crianças. Todos os Centros DREAM na África seguem o mesmo processo para aplicar o Programa DREAM completo: o diagnóstico, o tratamento, os complementos nutricionais, os tratamentos a domicílio, assim como, a PTMC (Prevenção da Transmissão da Aids da Mãe à criança), formação dos pacientes curados para serem militantes, o controle de qualidade e avaliações. As implantações geográficas dos Centros diferem: alguns estão conectados a hospitais, outros não, alguns estão em cidades, outros em lugares afastados, alguns têm algumas dificuldades com o governo de seu país. A administração de pessoal e a perpetuação dos Centros, também foram identificados como desafios a enfrentar.

A parte mais dinâmica do encontro foi a descoberta do importante índice de sucesso destes diferentes Centros DREAM: muitos são os homens, as mulheres e as crianças doentes tratados nestes Centros que, doravante, têm uma vida saudável, conseguindo manter uma vida de família, manter seu trabalho, ultrapassar os estigmas do HIV / AIDS. Hoje, eles trabalham ao lado dos funcionários dos Centros, encorajando outras pessoas a não terem medo e testemunhando, por seu exemplo de vida, que a AIDS não significa o fim.

Em 2002, as Filhas da Caridade de Chokwe, no Moçambique, adotaram um procedimento de colaboração com a Comunidade Sant'Egidio, a fim de tentar resolver o problema do HIV / AIDS. Desde então, novos Centros DREAM foram construídos e abertos: na Nigéria em 2007, nos Camarões e no Quênia em 2008, no Congo em 2009 e o Centro DREAM da Tanzânia está, atualmente, em construção. Os dados surpreendentes que vêm do conjunto dos Centros DREAM administrados pelas Filhas da Caridade, revelam que mais de 16. 000 pessoas já estão inscritas. É um dado mínimo, visto que, testes e um acompanhamento são também realizados nas cidades e a domicílio. São 6.362 adultos e aproximadamente 550 crianças os que recebem uma terapia antiretroviral atualmente. As crianças representam aproximadamente 12% do total. A boa notícia é que 98% de todos os bebês nascidos de mães acompanhadas no DREAM nascem soronegativas.

Ao trabalho de cada Centro acrescentam-se as milhares de visitas a domicílio realizadas pelos enfermeiros auxiliares da comunidade e militantes, isto é, antigos pacientes que recuperaram a saúde graças ao tratamento e que dedicam voluntariamente seu tempo, para ajudar outras pessoas a ultrapassarem seus medos e a estigmatização, e incentivá-las a participar

ativamente desta terapia e perseverar no tratamento. Aproximadamente 10% dos pacientes necessitam de um complemento nutricional, especialmente as mulheres grávidas, as crianças e os idosos.

Durante este encontro na Casa Mãe, foram abordados muitos temas: a colaboração para a missão; as perspectivas e os sonhos; os desafios comuns, as relações entre as Filhas da Caridade e a Comunidade Sant'Egidio; as responsabilidades específicas a cada uma, as funções e as relações com os Centros; o valor e a importância das avaliações; o trabalho em rede no interior de cada país; a inscrição no sistema orçamentário; o trabalho em comum em vista do futuro / a criação de uma aliança forte em favor dos pobres. Irmã Felicia Mazzola apresentou uma descrição do programa IPS (Serviço dos Projetos Internacionais das Filhas da Caridade. Ela explicou os objetivos e os critérios de aceitação de um projeto. Cada grupo, por país, teve a oportunidade de conversar com Irmã Felicia e Theresa McFarland. Cada grupo, por país, teve também, um momento para reunir-se com os membros da Comunidade Sant'Egidio e a Equipe DREAM, a fim de expor seus problemas.

Ao final da semana, as Irmãs expressaram a satisfação que sentiram por terem vivido estes encontros nos quais tiveram a oportunidade de partilhar suas experiências e aprender uns dos outros com a Comunidade Sant'Egidio. No último dia, as Irmãs da Casa Mãe foram convidadas a ver as apresentações Powerpoint.

Deixando Paris, todos nós nos comprometemos a continuar reforçando nossos Centros DREAM, para que eles possam oferecer um futuro cheio de esperança a toda uma nova geração em nossos respectivos países.

Irmã Catherine Mulligan
Filha da Caridade

ESPECIAL DO 350º ANIVERSÁRIO DA MORTE DOS FUNDADORES

Santa Luísa de Marillac

Século XX: História – Memória – Meditação

Prólogo

Os historiadores que se interessam por Luísa de Marillac, segundo seus talentos pessoais, enaltecem, sobretudo a colaboração com Vicente de Paulo. É verdade que Padre Vicente encontrou a chave de tudo o que podia aliviar os infortúnios e Luísa de Marillac acrescentou a delicadeza feminina: ver os detalhes, captar as tonalidades de caráter, cuidar da organização, da economia, resolvendo assim, as dificuldades com espírito de fineza e de amor. Como Vicente de Paulo, Luísa tinha muito interesse pela **paixão inteligente do pobre**.

Os textos que seguirão esta breve introdução, farão mais referência ao “ser de Luísa de Marillac” do que o “fazer” de sua futura missão. Como ignorar estes anos, no detalhe quase que diário, de uma Luísa com “espírito aberto e forte”, segundo o Bispo de Belley, em suas tribulações de angústia e escrúpulos: um marido lutando contra uma doença que o minará durante cinco anos, um filho instável que não se decide por seu futuro, uma crise que a leva ao desespero. E eis que, de repente, no Pentecostes, sua alma foi inundada de serenidade e paz.

Segundo a Luz de Pentecostes, depois da morte de Antônio Le Gras, de 1625 a 1629, Luísa espera a hora de Deus. Vicente de Paulo será o eleito por Deus para indicar o caminho e acolherá seu desejo de consagrar sua vida aos pobres. Mas, é necessário viver, antes de passar seu tempo nas estradas entre Paris e a província. Padre Vicente não tem pressa...

*“**Regozijai-vos, Filhas da Caridade...** Ela vos fez crescer por seu olhar, sua palavra, seu socorro vigilante, seu incansável exemplo de heroísmo, quando todavia não éreis senão um pequenino rebanho; quando Margarida Naseau, a pequena camponesa de Suresnes, era a única Filha da Caridade, a primeira na terra e a mensageira no Céu, de vossa prodigiosa Companhia. Luísa de Marillac, com seu governo cheio de sabedoria e vigilância; Vicente de Paulo com suas conferências providenciais e esclarecedoras, trabalhavam juntos na formação das Filhas da Caridade: o amor da mãe, a austeridade do pai, indicavam-lhes os grandes desígnios que Deus queria operar por meio delas, e como deviam preparar-se para realizá-los **como iniciantes na santidade**; isto é, exercendo, primeiramente consigo mesmas **a caridade que nos une a Deus...** A caridade que une o nosso coração ao coração de Deus, a caridade, rainha de todas as virtudes, é um escudo para os filhos da graça, é uma armadura que nos torna capazes de enfrentar sem medo, os maiores empreendimentos. Não era, com efeito, um grande e novo empreendimento o que Vicente e Luísa indicavam às Filhas da Caridade?... Luísa de Marillac avançou, como um raio de sol, por entre a sujeira e a miséria humana e irradiou ao seu redor e aos olhos dos homens sua maravilhosa luz, a fim de que, vejam suas boas obras e glorifiquem o Pai que está nos céus”.*

Estas palavras foram pronunciadas pelo Venerável Papa Pio XII, quando este era Cardeal Secretário de Estado, em Roma, no dia 14 de março de 1934, na Igreja São Andréa Valle della, em honra da canonização de Luísa de Marillac. Estas palavras nos colocam a caminho, com o desejo de querer saber mais sobre este misterioso apelo de Deus, mas...

A hora de Deus ainda não chegou, segundo a **Luz de Pentecostes**.

Antônio Le Gras fica gravemente doente. Segundo Gobillon *“esta esposa caridosa e fiel demonstra ao seu esposo, neste estado, uma afeição mais terna, uma bondade mais compreensiva e um amor mais condescendente, tentando acalmar o seu espírito e aliviar suas penas e dores. **O grande cuidado que ela teve durante este tempo de acompanhá-lo e servi-lo, foi um aprendizado para sua caridade, que a fez observar os doentes e os meios necessários para aliviá-los. Isto lhe deu tanta experiência e capacidade para este exercício, que em seguida, ela as transformou em lições e regras para as jovens que formou para socorrê-los. Com seus cuidados e sinais sensíveis de seu amor, bem como com seu exemplo, que ela conquistou o coração de seu marido, fazendo-o adquirir as disposições cristãs com as quais morreu”.***

É Luísa quem escreveu ao primo irmão de seu marido, Cartuxo, relatando-o os últimos momentos... *“Há muito tempo, pela misericórdia de Deus, não tinha ele afeto algum pelas coisas que pudessem levar a pecado mortal, tinha um grande desejo de viver devotamente. Seis semanas antes de sua morte, teve uma febre tão alta que pôs seu espírito em grande perigo. Deus porém, fazendo manifestar seu poder acima da natureza, deu-lhe calma e, em reconhecimento por essa graça, decidiu-se totalmente, a servir a Deus durante toda a sua vida... seu espírito esteve quase sempre ocupado na meditação de Sua Paixão. Por sete vezes vomitou sangue em abundância e, a sétima hemoptise morreu logo... **Eu estava sozinha com ele** para assisti-lo nesta passagem tão importante. Não pôde dizer-me mais outra coisa senão 'Pedi a Deus por mim, já não o posso mais...'; palavras que estarão gravadas para sempre em meu coração. Ele morreu na noite de vinte e um de dezembro do ano de 1625, na paróquia São Salvador”.*

No dia 4 de maio de 1623, festa de Santa Mônica, fez **voto de viuvez** caso seu marido morresse. Até o momento, vê-se obrigada a cumprir sua promessa, e escreve ao seu primo: *“não*

é muito razoável que eu seja toda de Deus, após haver estado tanto tempo no mundo? Digo-vos, pois, meu querido primo: desejo-o de todo o coração e no modo que a Ele agrade” (C. 2).

Dom Camus que a orientava expressa-lhe por escrito o uso que ela devia fazer de sua viuvez: *“O Salvador de nossas almas, depois de ter colocado vosso esposo em seu seio, repousa no vosso... é neste momento que deveis vos unir, permanecer junto à Cruz, visto que não tendes outro apoio na terra... neste momento, veremos se amais a Deus como é devido, já que ele vos tirou aquele que tanto amavas”.*

... Ainda não é a hora de Deus segundo a Luz de Deus de Pentecostes.

Depois de tudo o que ela viveu, sua alma e seu espírito ficaram profundamente marcados e tem Miguel, seu filho “o pequeno Le Gras”, como escreverá um dia à Luísa o Padre Vicente. Ele tem quase treze anos e sua natureza indolente exige uma firme direção. Manifesta o desejo de ser padre e entra no Seminário menor, será pensionista. Esta mãe se apegava a este amor único com todas as fibras de seu coração. Mas este amor que transbordava em ternura, mais tarde Padre Vicente lhe fará uma observação: *“nunca vi uma mãe tão forte quanto vós”.*

Era costume que os jovens clérigos recebessem a batina. O tempo passa. Miguel se diz e se contradiz, seus fervores diminuem. Ele já tinha demonstrado algumas aversões ao Seminário e manifestou o desejo de deixar a batina. Em 1631, Miguel completa 18 anos. Consegue um lugar nos Jesuítas, estuda na Sorbona. Aos 20 anos, Padre Vicente o convida a fazer um retiro, mas continua sempre indeciso. Sob a influência de um jovem mau, deixa tudo. Miguel tem 25 anos. Por falta de vocação, não será padre, casar-se-á em janeiro de 1650 com Gabriela Le Clerc. Esta união o fará encontrar o equilíbrio. Em 1651, nascia no lar uma pequena Luísa Renata, que foi o consolo de Luísa de Marillac.

Este período de instabilidade notória foi para Luísa uma grande provação, mas Padre Vicente estava lá para dissipar os sentimentos de culpa e responsabilidade: *“lembrai-vos que os defeitos dos filhos nem sempre são imputados aos pais, sobretudo quando estes os fizeram instruir e lhes deram bom exemplo, como o fizestes, graças a Deus” (Doc. 156 – p. 167).*

PADRE VICENTE

*“No dia do Pentecostes, participando da Santa Missa, na igreja de São Nicolau “des Champs”, de repente, fui esclarecida de minhas dúvidas e avisada de que deveria permanecer com meu marido e, viria o tempo em que estaria em condições de fazer voto de pobreza, de castidade e obediência, numa pequena comunidade, com pessoas que fariam o mesmo. Entendi, então, que isso seria num lugar dedicado a servir ao próximo, não podia porém, compreender de que jeito se faria isso, porque, haveria **idas e vindas**.*

*Fui assegurada também, de que deveria permanecer em paz **quanto ao meu diretor**, e que Deus me daria outro que, me fez ver, segundo me parece e senti repugnância em aceitá-lo. **Entretanto, consenti**, afigurando-se-me que não era a hora de fazer-se essa mudança.*

Minha terceira pena foi-me tirada pela certeza que senti em meu espírito de era Deus quem me ensinava tudo o que foi dito acima e, se Deus existia, não poderia duvidar do resto. Naquele tempo, a dúvida sobre a imortalidade me levava a não acreditar na divindade.

Sempre acreditei ter recebido esta graça pelo bem Bem-aventurado Bispo de Genebra, por haver desejado muito, antes de sua morte, comunicar-lhe minha aflição e depois, haver sentido grande devoção e recebido, por seu intermédio, muitos favores. Naquela ocasião, sei ter havido algum motivo para crê-lo assim, do que agora não lembro. Isto aconteceu no dia do Pentecostes de 1623, na igreja de São Nicolau dos Campos, durante a Missa” (Escritos A. 2 Luz).

Para Luísa, é a passagem do Espírito Santo; ela continuará cuidando de seu marido até sua partida para a eternidade. Seu diretor na época escreveu-lhe por ocasião do falecimento: *“... vós não estais mais dividida, agora, sois toda do Esposo celeste, não tendes mais nada de terrestre. Estás determinada desde muito tempo a querer senão Ele, e neste momento que ele*

rompeu vossos vínculos e que deveis lhe sacrificar uma hóstia de louvor, vós vos surpreendeis. Filha de pouca fé, o que temeis?”

O Diretor, vislumbrado pelo Pentecostes a São Nicolau dos Campos, poderia recusar a direção porque temia ficar de mãos atadas e Luísa, não se sentia atraída por este padre frio, sem distinção. Contudo, para um foi a entrega total, para outro, a confiança absoluta. Por outro lado, Padre Vicente toma tempo, Luísa fica impaciente “a impaciência de seu espírito”, como ela mesma disse; o Padre Vicente não quer apressá-la, mas quer que ela mesma se habitue a dirigir sua vida. As questões materiais devem ser ajustadas.

A doença e a má gestão durante a doença de seu marido, a faz renunciar sua casa do Palácio Marais para instalar-se na rua São Vitor. Padre Vicente não fica distante, mas está sempre ausente. Em sua solidão, Luísa sofre. Procura consolo em seus antigos amigos e confidentes. Os dias são longos: ela faz sua limpeza e reza. Em seu pequeno regulamento, escreve: *“Uma vez de pé, farei imediatamente a oração durante meia hora ou três quartos; tomarei o tema dos Santos Evangelhos e Epístolas uma hora inteira e, com as Epístolas e Evangelhos, a vida do Santo do dia para que o exemplo do mérito do Santo me sirva de instrução”*¹. Ela esclarece: *“ao meio-dia, procurarei nunca ficar desocupada, por isso... voltarei ao serviço, trabalhando alegremente, seja para a igreja, seja para os pobres ou então para a utilidade da casa; o trabalho irá até quatro horas”*²

Para o Diretor, é o período de observação, de uma correspondência respeitosa e afetuosa na fé: *“é quase meia noite e estou um tanto cansado. Perdoai o meu coração se, nesta carta, não se expanda um pouco mais...”*³. Em sua missão, Padre Vicente aproveita de sua disponibilidade em partilhar: *“peço-vos enviar-nos pelo senhor Padre du Coudrey, portador desta, a soma de cinquenta libras...”* (Coste I, Doc. 8), *“fareis o favor de mo informar e de remeter duas ou três camisas à Mademoiselle Lamy, em Gentilly para a Caridade daquele lugar...”* (Coste I, Doc. 7). *Preparai-vos porém para fazerdes um favor a duas pobres moças que julgamos conveniente saírem daqui... e rogo-vos encaminhá-las a alguma pessoa de bem para que se lhes consiga um serviço...”*⁴

Padre Vicente não esquece que ele é o diretor espiritual. Certa vez, ele não tinha avisado de sua ausência, pensando que lhe causaria tristeza. *“Coragem! Nosso Senhor, se o quiser, lucrará com esta pequena mortificação e Ele mesmo desempenhará as funções de diretor”* (Coste I, Doc. 6). Inquieta com as repetidas ausências do Padre Vicente, Luísa queixa-se a Dom Camus, o Bispo de Belley, que lhe faz a caridade espiritual: *“peço-vos perdoar-me, querida Irmã, se vos digo que vos apegais demasiado a aqueles vos dirigem, apoiando-vos excessivamente neles; basta o senhor Vicente afastar-se e Mademoiselle Le Gras fica fora de si e desorientada. É preciso ver Deus em nossos guias e diretores e vê-los em Deus, mas, às vezes, é preciso olhar unicamente Deus ...”* (Coste I - Doc. 49, nota 2. p. 86).

Luísa procura estar em paz interiormente. O retiro lhe permitiu tomar algumas resoluções por escrito: *Devo permanecer em completa dependência de Deus... remover os obstáculos que impedem a paz que Ele quer em mim... e ainda “esperar com tranquilidade, que Deus me visite...”* (Escritos A. 9; Retiro p. 797). Padre Vicente está muito atento à sua saúde *“Peço-vos em nome de Deus, que cuideis de vossa saúde, nada descuidando do que for preciso para isso. Tranquilizai-vos, porem, quanto ao vosso interior; está na situação que convém, embora não vo-lo pareça...”* (Coste I, Doc. 19).

Diante de todas estas inquietações, esta agitação que a entristece, ela permanece fiel ao regulamento que se impôs: costura, tricota para os pobres, prepara ornamentos para o culto, para a capela de São Lázaro, o que lhe valia algumas linhas do Padre Vicente: *“...este bilhete é para agradecer-vos o frontal tão belo e suave que vossa caridade nos enviou e que, ontem me arrebatou o coração de contentamento, vendo o vosso colocado lá dentro. E isso foi de repente, ao entrar na capela, pois não sabia que estava sendo usado. Essa alegria me durou ontem e dura ainda hoje, com uma ternura inexplicável, produzindo em mim muitos pensamentos que, com a*

*graça de Deus, poderia vo-los expressar. Contento-me entretanto, em dizer-vos que rogo a Deus embelezar a vossa alma com o seu perfeito e divino amor, enquanto tornais assim mais bonita a sua casa, com tão lindo frontal... ”*⁵.

Padre Vicente está atento a todos os acontecimentos referentes à vida humana e espiritual de Luísa: *“deixai isso por minha conta : penso bastante por nós dois... tratai de viver alegre no meio dos motivos de aborrecimentos e honrai sempre o não fazer e a vida oculta do Filho de Deus. Está aí o vosso ponto central e o que Ele vos pede no presente e no futuro, para sempre...”* (Coste I, Doc. 29 – p. 26). A carta termina: *“Coragem! Já conversei bastante com sua filha! Preciso terminar dizendo-lhe que meu coração guardará terna recordação do seu no de Nosso Senhor e pelo de Nosso Senhor somente, em cujo amor e no de sua santa Mãe permaneço seu humilde servo”* (Ibid. p. 27).⁶

PASSO A PASSO PARA A LUZ DE PENTECOSTES

1626: Luísa faz seu retiro e um certo amadurecimento humano e espiritual lhe faz tomar a resolução, de **consagrar-se a serviço dos pobres**, respondendo assim um desejo do Bispo de Belley. *“Minha querida filha, sempre espero que a serenidade volte a vós, depois destas nebulosidades que vos impedem de ver a beleza do brilho da alegria, que é o estar a serviço de Deus... Afastai-vos um pouco de vós mesma, para vos unir a Jesus Cristo”*.

Padre Vicente a parabeniza pela resolução que tomou: *“Sim, finalmente, minha querida demoiselle! Eu sempre desejei isso! E como não, se foi Nosso Senhor quem vos deu esse sentimento ? portanto, comungai amanhã...”*⁷. Ele lhe diz como devia comportar-se durante sua ausência, dando-lhe conselhos de direção, principalmente sobre o desprendimento: *“Bendito seja Deus por vos haverdes libertado do vosso primeiro apego. Falaremos do outro na primeira vez que nos encontrarmos; refiro-me ao de vosso Confessor. Fazei, entretanto, o que vos aconselhar e tudo o que o vosso fervor vos propõe, exceto a disciplina, a não ser três vezes por semana...”* em pós-escrito: *a prática de devoção a Maria, agrada-me, contanto que procedais suavemente”* (Coste I, D. 35 – p. 48-49).

As aflições interiores entristecem a alma de Luísa, ela se abstém da comunhão; o Diretor esclarece a tentação neste caso e acrescenta uma segunda tentação referente a Miguel e diz: *“Oh! Nosso Senhor fez muito bem em não vos tomar por sua mãe, visto que não pensais encontrar a vontade de Deus no cuidado maternal que Ele requer de vós para com o vosso filho, ou, talvez penseis que isso vos impedirá de cumprir a vontade de Deus em outra coisa. Impossível! Já que a vontade de Deus não se opõe, absolutamente, à vontade de Deus. Nessa circunstância, honrai pois, a tranquilidade da santa Virgem”*⁸

Em 1618, Padre Vicente estabeleceu em Montmirail uma Confraria da Caridade. O Reverendo Padre de Gondi, oratoriano, pede-lhe para ir encontrar-se com ele em Montmirail. Ele escreve a Luísa, a quem chamará Mademoiselle. *“Vosso coração vos pede para ir lá, Mademoiselle? Se assim for, seria preciso partir na próxima quarta feira, na carruagem de Châlons, em Champagne, onde mora o Cardeal, em frente de São Nicolau dos Campos e teremos a alegria de nos encontrar Montmirail”*⁹. Luísa aceita, é seu primeiro envio em missão a convite do Padre Vicente. Ele lhe envia as cartas e o memorial para a viagem com o desejo: *“Ide, então, mademoiselle, ide em nome de Nosso Senhor. Peço a sua divina bondade que lhe acompanhe, que seja a sua consolação no caminho, sua sombra contra o ardor do sol, o abrigo da chuva e do frio, cama macia em sua fadiga, sua força no trabalho e que, finalmente, a traga com perfeita saúde e cheia de boas obras”*¹⁰.

Padre Vicente não faz grande discurso a Luísa para estes dias; o que podemos supor que o projeto que ele vinha amadurecendo há tempo em seu pensamento sobre as Caridades do campo,

poderia se realizar e que a Mademoiselle poderia ser a enviada de Deus, para este ministério apostólico: **o serviço dos pobres**.

A luz de Pentecostes fez caminho no interior de Luísa. Ao estudar o acompanhamento sensato do Padre Vicente, como servo muito humilde e submisso ao Espírito Santo, vemos que não queria para ela senão o que Deus queria, e não ocupou o lugar de Deus nem “passou à frente da Providência”. Daí em diante, Luísa de Marillac entregou-se aos Pobres e **viu-se no meio deles**.

Durante sua estadia em São Cloud, no dia 19 de fevereiro de 1630, Padre Vicente se preocupa: *“Louvo a Deus pela saúde que estais tendo para trabalhar na salvação de sessenta pessoas! Peço-vos, entretanto, informar-me exatamente, se falando com tanta frequência, vosso pulmão não se resente, assim como a vossa cabeça, com tamanha confusão e barulho”*¹¹

Trata sobre outro ponto, o de sua **exagerada ternura por seu filho**. *“Parece-me, Mademoiselle, que deveis trabalhar, diante de Deus, para moderá-la pois, serve apenas para vos perturbar o espírito e vos privar da tranquilidade que Nosso Senhor deseja em vosso coração, Despojai-vos de todo afeto fora dele, **vo-lo suplico**, e dareis honra a Deus, o soberano e absoluto que se encarrega do senhor vosso filho. Sua vontade é que vos interesseis por ele de uma modo dependente e suave...”* A carta termina com um pedido: *“... e, também, se a jovem de Suresnes que já esteve convosco outro dia e se dedica ao ensino de moças, foi falar convosco, como me prometeu no último domingo, quando veio aqui”* (Coste I, D. 40 – p. 36)

Luísa de Marillac provará o quanto sabia amar a Deus, o único Senhor de sua vida, ao qual havia feito um ato de consagração. Daí em diante, assinará Luísa de Marillac e é com este nome que a Igreja a canonizará, mas para os seus contemporâneos, continuará sendo a Mademoiselle Le Gras. Padre Vicente a chamará Mademoiselle, depois de tê-la chamado em sua correspondência durante anos **“minha querida filha”**.

Enquanto espera que seu apostolado se esclareça, Luísa reza, medita, dedica-se também à pintura. Desde menina, ela gostava de pintar nas aquarelas, imagens que representavam, algumas vezes, uma jovem – ela mesma – sentada num belo jardim com o nome de **Jesus** e estas palavras com legenda: **“É o nome daquele a quem amo”**, em outras, o Bom Pastor rodeado de suas ovelhas que tentam beber nas chagas de seus pés, enquanto uma delas, sentada em seus joelhos, refresca-se na chaga do lado.

Luísa de Marillac chamou a estes ingênuos experimentos *“minhas pequenas distrações com estampas ou outras devoções”* (Escritos A. 11 – p. 897 - notas durante um retiro). É durante o período de seu duro combate espiritual, depois da morte de seu marido, que ela pintou o quadro que chamamos “o Senhor da Caridade”. Jesus está em tamanho natural, de pé, com os braços abertos, a cabeça inclinada e os olhos abaixados, como se falasse com o cristão que o implora e o acolhe com amor e misericórdia... seus pés e suas mãos, mostram suas feridas e, fato importante, seu divino Coração aparece rodeado de raios luminosos sobre seu tórax. Embaixo do quadro está esta inscrição em letras da época: *“Este quadro foi pintado por Mademoiselle Le Gras, nossa honrada mãe e mestra”*¹².

Se este quadro se encontra atualmente na Casa Mãe, é graças à generosa bondade de Dom Grimardias, o bispo de Cahors. Vejamos como foi. Nos primeiros meses de 1891, um membro das Conferências de São Vicente de Paulo de Cahors, o senhor Michel Bourrières, indicou ao superior do Seminário maior desta cidade, Padre Méout, Padre da Missão, um quadro que podia interessar-lhe muito, visto que estava escrito em letras antigas esta inscrição da qual respeitamos a ortografia: *“este quadro foi pintado por Mademoiselle Le Gras, nossa honrada mãe e mestra”*. Este quadro estava na Capela dos Artesãos, uma Capela muito antiga, distante, mas dependente da Catedral. A presença de nosso quadro nesta Capela se explica muito bem, quando recordamos que as Filhas da Caridade foram estabelecidas em Cahors no tempo de São Vicente e de Mademoiselle Le Gras. A nova fundação recebeu, como muitas outras de então, vemos isto pelos escritos da venerável fundadora, um quadro religioso, um “Senhor da Caridade” ou pelo menos

recebiam a tela, porque podemos constatar que as bondosas Irmãs, tendo um belo quadro em mãos, mas como era muito grande, pediram para acrescentar ao redor, 25 centímetros de tela e um pintor do lugar, pôs em harmonia com o todo. Foi então, provavelmente, que a inscrição foi acrescentada. O quadro deve ter ficado na Capela dos Artesãos ou, mais provavelmente, na Catedral durante a Revolução, quando as Irmãs do orfanato foram expulsas e que “o imóvel foi colocado à disposição da nação”¹³.

É difícil concluir. O que é evidente, é que a Luz de Pentecostes tomou o tempo para um amadurecimento espiritual segundo a tarefa que estava prevista por Deus. É no amor aos outros que encontramos verdadeiramente Deus.

A Montmirail, novidade absoluta, Luísa vai sem qualquer relutância, interessa-se a tudo o que se refere à vida das pobres gentes, sobretudo faz a experiência de viver o Evangelho no mais profundo de seu ser; ela que até então tinha tido servas à sua disposição, agora se faz serva.

(Continua)

Irmã Claire HERRMANN
Filha da Caridade

Notas

¹ Correspondência e Escritos (E.7 e A. 1)

² Correspondência e Escritos (E.7 e A. 1)

³ Coste I, 30

⁴ Coste I, Doc. 10 (17 de janeiro de 1628)

⁵ Carta 8bis 1629, M.S. St Paul, p. 86 - Coste I, L. 104

⁶ Coste I, 62, Doc. 29 p. 27

⁷ Cópias textuais, Arquivos (Doc. p. 25)

⁸ Documento p. 51 (Coste I, L. 69)

⁹ Documentos p. 32-33 (Coste I, L. 38)

¹⁰ Documentos p. 33 (Coste I, L.39)

¹¹ Documentos p. 35 (Coste I, L. 40)

¹² O quadro se encontra na Casa Mãe das Filhas da Caridade, na escada do antigo palácio de Châtillon

¹³ Boletim de São Vicente de Paulo n° 4, 15 de abril de 1900, 1° ano

ESPECIAL DO 350º ANIVERSARIO DA MORTE DOS FUNDADORES

Direção e formação na Companhia

ORGANIZAÇÃO DA COMPANHIA

Um estudo sobre o desenvolvimento da Companhia leva-nos à seguinte conclusão: os dois Fundadores tiveram uma influência igual e decisiva sobre os aspectos essenciais da organização da Companhia, embora de maneira diferente. Vicente de Paulo, fundador das Confrarias da Caridade, era o Diretor e Superior da nova Caridade. Ele traça as linhas mestras; a finalidade da nova Caridade seria a mesma das outras: servir Jesus Cristo corporal e espiritualmente na pessoa dos pobres; sua espiritualidade: esvaziar-se de si mesmo e revestir-se do Espírito de Jesus Cristo, que é um espírito de humildade, simplicidade e caridade; suas razões teológicas: Cristo está nos pobres os quais são seus membros sofredores. Vicente determina também as estruturas jurídicas: são mulheres que se consagram a Deus por seu serviço, no dia em

que são oficialmente admitidas na Companhia; não fazem votos públicos (ditos solenes), não são, pois, religiosas, mas seculares. Tinham que ser assim, porque no século XVII, era impossível a uma mulher propor um tal projeto. Mas Vicente nunca decide algo sem a opinião de sua colaboradora, ela é sempre informada sobre o que ele planeja fazer. Luísa estima muito o seu diretor, ela aceita e segue fielmente sua doutrina sabendo que esta é boa para suas filhas. Vicente valorizou de maneira eminente e justa as qualidades da sua dirigida e nela deposita toda a sua confiança.

No entanto, Luísa põe em prática as ideias e o pensamento do Superior. Vicente é a fonte do ensinamento dado às Filhas da Caridade, mas Luísa, com seu caráter maduro e afetivo, com uma inteligência aguda e profunda é o instrumento que faz passar a doutrina e a fonte onde as Irmãs bebem. Ora, sabe-se bem que o sabor da água se enriquece de acordo com o terreno por onde circula.

FORMAÇÃO DAS IRMÃS

Vicente de Paulo contribui sempre com a formação das primeiras das Filhas da Caridade de hoje tanto quanto que com a das Irmãs de sua época. Sua influência é ainda mais forte depois de sua morte.

No tempo do fundador, mas ainda mais, depois de sua morte, os Lazaristas sentiram-se na obrigação de ajudar as Filhas da Caridade como Irmãs que trabalham na mesma missão; para eles era ser fiel à recomendação de seu fundador. Mas os Padres da Missão estavam sobretudo imbuídos da herança de São Vicente porque conheciam pouco Santa Luísa. Eles têm em mãos as conferências do fundador (primeiramente em cópias e depois impressas). Mais tarde, foram impressas a correspondência entre Vicente e Luísa e suas cartas dirigidas às Irmãs. Assim, as Irmãs podem ler as conferências em edições abreviadas. Mas esperou-se 226 anos para publicar as cartas e os escritos de Luísa de Marillac, e ainda, de um modo incompleto e somente em francês¹. Foi preciso 250 anos para ter estes documentos completos numa edição litografada, mais apropriada a uma biblioteca do que a indivíduos. Era, pois, difícil para as Irmãs conhecê-los. Em 1960, o “Livro cinza” coloca os Escritos de Luísa à disposição das Filhas da Caridade e dos Lazaristas. Em seguida, foi publicada a nova edição de 1983, preparada por Irmã Elisabeth Charpy a pedido dos Superiores gerais: o Padre Mc Cullen e Irmã Lucie Rogé, permitindo às Irmãs e aos Padres tomarem conhecimento destes com mais facilidade.

Em segundo lugar, de acordo com a mentalidade dos séculos passados, por respeito e prudência, Vicente de Paulo se recusa entrar em contato com as Irmãs, exceto com algumas em confissão e outras, através de cartas, para a direção. Sua comunicação com as Irmãs e as Comunidades é feita por intermédio de Luísa de Marillac. Seu trabalho tão exaustivo o impede de se dedicar à Companhia. Luísa é quem cuida desta de corpo e alma. Vicente confia plenamente em sua colaboradora e sente-se tranquilo.

Em terceiro lugar, lendo as conferências de Vicente às Filhas da Caridade, pode-se correr o risco de dar uma importância muito grande, ou até mesmo exclusiva, ao ensinamento de Vicente. Ora, isto não é verdadeiro, se analisamos todas as conferências que conservamos, não parece que muitas destas se perderam, visto que Luísa as apreciava muito. Ela as tinha redigido ou confiado a uma Irmã para fazer este trabalho com fidelidade, porque queria conservá-las. Luísa não permitia que as conferências do Superior saíssem de Casa para que não se perdessem, nem fossem recopiadas “*temendo que fosse alterado o sentido dado pelo bem-aventurado Padre*” (D 822 - p. 1088). Em geral, Vicente fazia uma conferência por trimestre. Várias vezes, Luísa se queixava do tempo que passava sem que as Irmãs beneficiassem de uma conferência (L. 75, 110, 124). É preciso acrescentar também que, somente, as Irmãs da Casa Mãe e uma de cada Paróquia de Paris, podiam assistir às Conferências, “*para evitar que os pobres ficassem sem atendimento*” (L. 124 – p. 155). As Filhas da Caridade das Províncias não tinham esta possibilidade de formação. Lembremo-nos que desde 1646 havia pelo menos o mesmo número de Irmãs em Paris e nas Províncias.

Em conclusão, podemos dizer que foi Luísa quem modelou a espiritualidade e a vida das Filhas da Caridade. É preciso também pensar em alguns fatos da vida de Luísa e das Irmãs: durante vários anos, é ela a formadora das recém chegadas, das Irmãs jovens e, ao mesmo tempo, a diretora da Casa. Portanto, todas as Irmãs viveram, dia após dia, longos meses com Luísa. Quando eram destinadas fora de Paris, algumas lhe escrevem, lamentando não ter mais a formação que ela lhes dava, mas Luísa continua orientando-as por meio de suas cartas. Estas são o alimento cotidiano para a vocação da maioria das Filhas da Caridade, a vida comunitária e o serviço dos pobres. Luísa percebe a importância de suas cartas. No entanto, será que não lhe falta um certo realismo quando deseja se corresponder semanalmente com suas filhas (L. 146) ou, pelo menos, cada quinze dias (A. 85)? Em janeiro de 1660 (ano de sua morte), ela escreve à sua antiga secretária Maturina Guérin: *“Rogo-vos, querida Irmã, assim as recebeis e, além disso, tende cuidado em reler nossas apreciadas cartas, para receberdes por meio delas o espírito de Jesus Cristo, sem o qual tudo quanto dissermos e fizermos não passa de címbalo que retine”* (L. 650 – p. 758).

FATOS QUE DEVEMOS LEVAR EM CONSIDERAÇÃO

Para compreender bem o programa de formação elaborado pelos Fundadores, convém ver alguns pontos a respeito das tarefas e do serviço destas primeiras Filhas da Caridade.

Já anteriormente, mas particularmente a partir de 1639, Luísa sabe que as Filhas da Caridade vivem, pessoalmente e no serviço, três tipos de contradições:

- Luísa sabe que suas filhas são mulheres de segunda categoria, tanto do ponto de vista social quanto na Igreja do século XVII, subordinadas aos homens e, para a maioria, sem personalidade jurídica. Mas Luísa percebe também, que ela confia a estas mesmas mulheres, as responsabilidades de um dirigente. Sem dúvida alguma, ela sabe que elas não têm cultura senão a da vida.

- A fé destas jovens era popular, cheia de superstição; porém, Luísa as encarrega de ensinar as meninas, evangelizar os doentes. Com elas, os agonizantes respiram o ar da eternidade, outros, convalescentes, estão prontos a retomar seus lugares na sociedade, guardando no coração a lembrança da bondade das Irmãs.

- Estas Irmãs são consagradas que vivem os conselhos evangélicos, mas não obstante, pela primeira vez na história, elas se vêem na obrigação de ir e vir pelas ruas, no meio do povo, na multidão dos pobres. Antes de partir rapidamente ao serviço, como voluntárias em tempo de epidemia, Luísa dá às suas filhas, uma formação curta com orientações simples: *“que não desedificassem as pessoas, nem como consagradas, nem como servas”*²

As jovens entram na Companhia sem nenhuma preparação, senão com o desejo e a boa vontade de se doarem. Estas jovens recompõem a Igreja dos pobres permanecendo na sociedade. No entanto, elas devem antes aprender. Rapidamente, Luísa organiza um programa simples de formação, como para jovens camponesas: a formação humana e cívica, formação sobre a maneira de servir, formação para a vida cristã e a de uma Filha da Caridade. No início, a formação não é muito longa (um a três meses), ela se refere sobretudo ao domínio de si mesma, o desprendimento pela mortificação³

ORGANIZAÇÃO DA FORMAÇÃO POR LUÍSA DE MARILLAC

Luísa não era a única Superiora a tomar as decisões definitivas, mesmo se ela assegura a *formação continua* por meio de partilhas, intervenções semanais que ela dirige às Irmãs, há também, as conferências de Vicente. A formação contínua faz parte das estruturas da Companhia que são a obra dos dois fundadores. Elas foram criadas por Luísa e Vicente, num trabalho comum. O programa de formação das Irmãs foi bem elaborado pelos dois fundadores, embora seja Luísa quem se encarrega de aplicá-lo.

Como Luísa conhecia melhor que o Superior as Filhas da Caridade, é ela quem propõe a maneira de fazer e os temas das conferências que Vicente fará. Ele concorda em falar às Filhas da Caridade, mas o excessivo trabalho, atrasa-o e, frequentemente, tem que adiar suas conferências. Ele gostaria de fazer uma conferência todos os meses, talvez mesmo a cada quinze dias. Luísa, no entanto, queria uma conferência a cada semana. Delicadamente, mas com habilidade bem feminina, ela lhe pede a presença de um outro Lazarista, indicava-lhe os temas, em geral de ordem prática, sobretudo sobre as Regras ou a maneira de viver.

É Luísa quem aplica e completa pessoalmente, nos mínimos detalhes, o programa elaborado pelos dois santos: ela organiza a formação religiosa e espiritual baseada no catecismo, sem negligenciar a profundidade do de Roberto Bellarmin. Ela marca o tempo e os exercícios de leitura, os trabalhos de costura e a maneira de servir, utilizando os conhecimentos pedagógicos das Ursulinas, o que não agrada muito Vicente. Ela buscou ajuda de outras pessoas, sobretudo dos Lazaristas, para a confissão. Sobre este ponto, Vicente também não concorda, ele queria que suas filhas fossem de paróquias e teme que esta ocupação tire o tempo dos Lazaristas na realização de suas missões. Convém que nos detenhamos um pouco sobre esta ajuda que Luísa pedia aos Lazaristas, porque de certo modo, é ela quem o deseja com insistência, mesmo se no final de sua vida, Vicente também aceita e aprova esta tarefa para seus missionários (VIII, 233-234, 237-239.).

Os Lazaristas

Uma boa organização exige ajustar a atividade a um plano preconcebido. Naturalmente, será um fracasso se, ao realizá-lo, não se tem em conta as circunstâncias nas quais se desenvolve a atividade.

Luísa conhecia bem duas circunstâncias que poderiam dificultar a vocação de suas Filhas no século XVII: a insignificância destas Jovens no plano social e sua solidão quando se encontravam em Casas distantes da Casa Central. Além disso, os transportes muito difíceis e o correio aleatório aumentam o seu isolamento.

Por isso, suas filhas precisam muito da ajuda de padres com o mesmo carisma e especialistas na evangelização dos pobres. Para responder a estas necessidades, Luísa coloca em seu organograma os contatos de suas filhas com os Lazaristas e procura, entre eles, os diretores espirituais.⁴

Sem levar em conta o pensamento de Vicente, que no início, não queria tomar o tempo dos Lazaristas no trabalho das missões, Luísa suscita primeiramente relações de cortesia (saudações e agradecimentos), em seguida relações de necessidades (Irmão padeiro ou enfermeiro), em outras ocasiões, ela encoraja estas relações dando notícias das pessoas e dos serviços concernentes às duas Companhias. Luísa considera isto como um meio de animação mútua e de orações reconfortantes.⁵

Talvez hoje, vejamos tudo isso como simples relações sociais, segundo o estilo da época, e nada mais. Mas, é bem provável que, no pensamento de Luísa, tudo isto tenha feito parte de um vasto programa que ela mantinha oculto, mas que o realiza com muita tenacidade.⁶ Não esqueçamos das condições sociais modestas das Irmãs, a condição da mulher sem defesa, a distância e o isolamento de muitas Filhas da Caridade. A psicologia de Luísa busca segurança e encontra o apoio que ela precisa em suas relações com uma Congregação masculina tal como a Congregação da Missão durante a vida de Vicente. Temos um exemplo disto nas poucas linhas de uma carta de Irmã Françoise Douelle à Senhorita Le Gras de 28 de fevereiro de 1660, que estava sozinha numa Polônia invadida pelos exércitos suecos protestantes. Ela não recebia as cartas e confessa que não sabia mais se as Filhas da Caridade existiam ainda ou se ela estava sozinha. Em um momento de espontaneidade, ela lhe diz: *“asseguro-vos nada haver no mundo que seja capaz de me dar alegria, como algumas cartas vindas da parte do senhor Padre Desdames”*, ele também encontrava-se isolado na Polônia (D 786).

Três comportamentos ou situações de Luísa nos levam a pensar que em sua mente, os missionários faziam parte de um plano concebido para o bem da Companhia.

O primeiro que nós observamos, é que ela sentia-se mais tranquila e cuidava menos das comunidades próximas das casas dos Lazaristas, ou daquelas que tinham recebido a visita de um padre da Missão. Naturalmente, de acordo com este comportamento de Luísa, ela mesma animava as Irmãs a confiarem nos Padres da Missão.

O segundo acontecimento que nós observamos, é que Luísa, sem levar em conta a opinião de Vicente de Paulo que desejava distanciar de São Lázaro a Casa Central das Filhas da Caridade, consegue não sem dificuldade, instalar-se em frente⁷.

O terceiro comportamento de Luísa que nos surpreende e parece curioso e, mesmo inconcebível, é dizer às Filhas da Caridade que o Superior de uma comunidade de Lazaristas é também o Superior das Irmãs do lugar. Este Superior não seria apenas um superior de fachada como esta frase poderia sugerir-lo: *“Rogo-vos apresenteis minhas humildes e respeitadas saudações ao Senhor Padre Superior”* (L. 646) (o dos Lazaristas), mas com uma certa autoridade sobre as Filhas da Caridade, como está escrito em um regulamento: *“Elas terão... obediência ao Superior da Missão”* (L. 134). Tudo foi fruto das distâncias, das comunicações ruins e das circunstâncias históricas e sociais que formavam o contexto das mulheres deste século, especialmente das camponesas.

É bom aprofundar estas diferentes situações. A Companhia era uma associação secular de mulheres consagradas sem clausura nem votos públicos, vivendo no meio do mundo. Nunca se viu coisa igual! Estas mulheres não tinham estudado teologia, espiritualidade nem Direito eclesial. Corriam o perigo de ficar sob a competência dos Bispos, teólogos ou juristas que, não compreendendo-as, quisessem torná-las religiosas. Por causa disso tudo, Luísa de Marillac pensava em proteger a natureza e a singularidade da nova Companhia com a ajuda dos Lazaristas, que as compreendiam e estavam bem preparados.

É a razão pela qual nós temos hoje, os Diretores Provinciais. Sem dúvida alguma, o Diretor geral teve sua origem, por causa da sobrecarga de trabalho de Vicente de Paulo. Ele não podia orientar as Filhas da Caridade como gostaria. O Diretor Provincial nasceu por causa da distância de algumas comunidades, particularmente as da Polônia. Considerando as dificuldades de comunicação com a Casa Central, era difícil velar sobre elas. Teve-se que atribuir ao Superior dos Lazaristas do lugar, a autoridade necessária para orientar as Irmãs, e até mesmo para destiná-las, expulsá-las da Companhia ou nomear Irmãs Serventes⁸. Não podemos esquecer a situação social e religiosa das mulheres no século XVII. Luísa empenhou-se e conseguiu que um aspecto da atividade dos Padres da Missão fizesse parte da organização da Companhia. Vicente de Paulo pouco a pouco compreende que isto era necessário e, em fevereiro de 1660, explicou ao Superior de Cahors que era *“sua obrigação, como superior dos missionários, ter pelas Irmãs o mesmo cuidado que tem pelos seminaristas e que aqueles que as instruem, confessam e dirigem, façam-no segundo os seus conselhos e não independentemente dele”*.

As visitas realizadas pelos Lazaristas, pedidas oficialmente por Padre Vicente, foram possivelmente empreendidas por iniciativa de Luísa. No entanto, pode-se dizer que é, certamente no diálogo entre os dois Fundadores, que foram instituídas e tomaram importância nos Conselhos das Filhas da Caridade. Agora, não se pode esquecer de uma coisa, é que cada Lazarista, depois de ter feito a visita, enviava um relatório à Luísa de acordo com os pontos que ela lhes havia indicado.⁹

Quando Luísa organizava uma Confraria, ela pensava muito na vocação e na vida espiritual das Irmãs. Assim, ela conseguia fazer com que a Companhia e a Congregação da missão aceitassem sua maneira de ver a confissão e a direção espiritual das Filhas da Caridade. No século XVII, a jurisdição era rígida. O vigário era o confessor de direito de seus paroquianos e o Superior da Congregação, dos seus membros. Para confessar-se com outro padre, as Irmãs precisavam ter um documento permitindo-as ou o padre ter uma autorização. Vicente de Paulo, Superior das Filhas da Caridade, dizia-lhes que elas eram *peçoas de paróquias sob a conduta*

dos párocos” (VIII, 237-238), ele proibia as Irmãs de se confessarem, sem a sua permissão, com outros padres que não fossem nomeados, para que seu carisma fosse bem respeitado.¹⁰

Luísa de Marillac concordou com esta doutrina arcaica, no entanto, apesar da oposição notória de Vicente de Paulo, ela consegue fazer com que os Padres da Missão participassem do programa para a direção e confissão das Filhas da Caridade que ela havia imaginado nos mínimos detalhes: se não conviesse que os Lazaristas fossem os confessores ordinários, eles poderiam sê-lo nas ocasiões extraordinárias; porém, convinha que eles fossem os confessores ordinários, quando uma comunidade distante de Filhas da Caridade ficava perto de uma comunidade de Lazaristas. Quando uma Irmã tinha um problema espiritual ou relacionado à vocação, Luísa a aconselhava a confessar-se com um Padre da Missão. Ela fazia isto também, quando uma comunidade era recente, em caso de situação delicada ou num contexto social particular, como no tempo da Fronda.¹¹

Embora Vicente de Paulo não quisesse permitir que os Lazaristas confessassem as Filhas da Caridade, ele aceita que a direção espiritual da Companhia fosse uma das tarefas da Congregação da Missão, apesar da resistência de alguns colegas (o que não aceita de maneira alguma é que os Lazaristas fossem confessores das religiosas). O que não significa que qualquer Lazarista, por sua qualidade, pudesse ser diretor espiritual das Filhas da Caridade (VIII, 237s; XII, 86-87).

Temos que admitir também, que os Diretores espirituais de algumas comunidades foram escolhidos pelos dois santos, talvez tenha sido – por causa do costume que existia nas comunidades religiosas femininas; mas vendo a figura do abade de Vaux e do Senhor Ratier no hospital de Angers ou do Senhor Jonchères no de Nantes, podemos concluir que praticamente é Luísa quem os aconselha sobre os aspectos da direção, a autoridade que lhes outorgava e a maneira de exercê-las. Tudo isto através de um diálogo ou correspondência, mas sua autoridade foi sempre subordinada aos Lazaristas que faziam uma visita oficial. Não esqueçamos que estes diretores escreviam à Luísa comunicando-lhes a situação da Comunidade e faziam isto pelo menos o tanto ou até mais do que Vicente de Paulo.¹²

ACOMPANHAMENTO ESPIRITUAL

Mademoiselle Le Gras procurava fazer com que as Filhas da Caridade vivessem a espiritualidade ensinada por Vicente, espiritualidade com a qual ela se identificava ano após anos. Luísa de Marillac assumiu a missão de indicar às Irmãs como viver a doutrina vicentina. Frequentemente ela lhes dizia: “*O pensamento do senhor Padre Vicente é que trabalhemos com grande simplicidade e, sabeis como devemos respeitá-lo e acatar suas ordens*” (L. 208). Isto significa que, ela as acompanhava espiritualmente de acordo com o que Vicente de Paulo pensava ao invés de sua maneira própria, antes à maneira de São Francisco de Sales do que a de Bérulle. Das obras de São Francisco de Sales, ela preferia para suas filhas “*A introdução à vida devota*” ao invés do “*Tratado do Amor de Deus*”, embora ela jamais tenha se passado de sua espiritualidade, sobre a qual falou a algumas Irmãs que ela via mais avançadas na oração.

Luísa de Marillac sabia bem que a espiritualidade das Filhas da Caridade se alimentava, se vivia e se desenvolvia no serviço; e, mais ainda, tinha sua fonte no serviço dos pobres desprovidos de tudo. Logo, ela as animava a dedicarem-se aos pobres num serviço material e espiritual e insistia sobre este aspecto espiritual do serviço que as Irmãs podiam esquecer. O serviço era realmente o aspecto principal, e mesmo poderia passar antes da observância das Regras. O serviço das Filhas da Caridade implica e exige ternura, delicadeza, doçura, paciência e tolerância para suportar (L. 104 bis). Em cada carta, ela acrescentava novos adjetivos.

Embora muito ocupada com a administração e direção, Luísa escrevia milhares de cartas, visitava as pessoas, cuidava dos mais diversos assuntos e detalhes da Companhia, das comunidades, das Irmãs e dos pobres, ela “*sentia-se muito feliz quando podia servir os*

pobres...” e considerava como feito por ela mesma o serviço que as Irmãs Ihes prestavam¹³. Isto é, embora não estando diretamente com os pobres, ela inculcava em suas filhas o que tinha aprendido do Padre Vicente: os pobres são os membros sofredores de Jesus Cristo; suas filhas deviam revestir-se do Espírito de Jesus Cristo para que, servindo-os, os pobres vissem nelas o próprio Jesus Cristo.¹⁴

Centenas de vezes, ela repetia às Filhas da Caridade, servas dos pobres, que sua espiritualidade se resumia em seguir Jesus Cristo, esvaziar-se de si mesmas para revestir-se de seu Espírito a fim de cumprir a vontade de Deus.

Luísa Ihes falava das práticas de piedade e das virtudes, retiros, exercícios espirituais; ela Ihes propunha uma espiritualidade dos votos. Por ocasião de destinação ou responsabilidades a exercer, ela as convidava a superar o sofrimento e a mortificar os sentidos, as paixões e a vontade própria. Insistia no desapego das criaturas, a levar uma vida pobre e simples na obediência. Recordava-Ihes o respeito aos padres, administradores, aos confessores e às Senhoras da Caridade. Queria que se santificassem observando bem suas Regras. Para servir os pobres, seus Senhores, deviam viver a paz interior e uma união alegre entre si. Luísa recomendava, particularmente às Irmãs Serventes, que buscassem a união e a alegria na vida comunitária.

Irmã Maturina Guérin, que foi sua secretária de 1652 a 1659, deixou-nos algumas linhas inesquecíveis: *“Quando tinha a felicidade de escrever suas cartas, não considerava então as suas belas lições; mas, agora, admiro com que diversidade as dava. A umas inculcava a observância das regras, a outra, o temor; àquela, o puro amor de Deus, assim por diante”*. (D 822, p. 1086).

Nos últimos anos de sua vida, Luísa via o quanto as camponesas mais antigas tinham progredido na vida espiritual. Várias Irmãs tinham adquirido uma espiritualidade profunda como as Irmãs Angiboust, Margarida Chétif, Francisca Carcireux, Ana Hardemont, Nicole Haran, Maturina Guérin, etc. Com Vicente, Luísa continuava animando-as a buscar sempre o puro amor de Deus por uma vida de união íntima com Deus; é o que ela expressa nestas páginas intituladas que ela destina a todas as Filhas da Caridade¹⁵.

Padre Benito MARTÍNEZ, cm

Notas

¹ Em 1886, publicação pelo Padre Fiat da obra de Gobillon em 4 pequenos volumes (Biografia de santa Luísa, seus escritos espirituais e uma parte de suas cartas)

Em 1953, publicação da tese de Irmã Margaret Flinton “Luísa de Marillac, o aspecto social de seu serviço”

Em 1960, publicação por Irmã Régnauld de um reagrupamento dos Escritos de Santa Luísa no Livro cinza (1000 páginas sobre a correspondência de Luísa com Padre Vicente, as Irmãs, o Abade Devaux e outros).

Em 1974, publicação do livro “Luísa de Marillac ou a paixão pelo pobre, ontem e hoje” por Irmã Regnauld

Em 1983, nova edição dos Escritos de Luísa.

² Santa Luísa disse muitas vezes: eis um exemplo “É assim, queridas Irmãs, que temos que ser: pessoas que edificam o povo, e não pessoas que têm o nome e o hábito de Filhas da Caridade e estão longe de fazer as obras que Ihes são próprias” (L. 623)

³ ABELLY, L. I., c. XXIV, pp. 114-115; SV. I, 277-278

⁴ SL. L.547, 136, 335, 341,368; A 61

⁵ SL. L. 214 bis, 179, 182, 202, 228 261, 10...

⁶ SL. L. 88, 446, 607, 629...

⁷ SL. L. 182, 204, 300, 319, 460, 646; A (L) 131, 134.

⁸ SV. VII, 161, 401, D. 377, 699 bis, 779

⁹ SL. D 377, 379, 383, 471, 525, 553, 571, 699 bis, 779...

¹⁰ SV. VIII, 237...; Conf. 9-6-1658, 16-3-1659, 11- 8-1659.

¹¹ SL. L.277 bis, 133, 261, 385, 375, 528

¹² SL. D. 432, 496, 507, 724, e toda a correspondência com o Abade de Vaux.

¹³ SV conferência de 3 de julho de 1660

¹⁴ A 26 p. 809, 810

¹⁵ SL. L. 426, 405, 377, 448, 489 bis, 546, 519, 642